

REFUTAÇÃO

E. PELLETAN.

ORMA  
200  
F67612

O

# MUNDO MARCHA.

REFUTAÇÃO

A

**E. PELLETAN.**

POR

*R. A. da Fonseca.*

REGISTRO SETORIAL  
ARQUIVO DE CUSTÓDIA  
N.º 3429  
Data 61 7 176

**MARANHÃO .**

Typ. da Fe—Seminario de Santo Antonio.  
1867.





Os maiores homens tem tido seus momentos  
de erros e desvarios.

*Durac.*

Eu fazia o meu quarto anno theologico no Seminario de Santo Antonio quando li as cartas de E. Pelletan a Lamar-tine. Procurei uma refutação; não encontrei; e grande numero da população Maranhense lia e apreciava na traducção do Sr. Pedro Nolasco as bellas frases de Pelletan, homem de talento, e forte como o veneno da serpente, porem traçoeiro e cavilloso como ella quando resvala por entre as hervilhas rente dos campos.

Quando li aquellas paginas animadas com linguagem de fogo, mas eivadas de sophismas e gravissimos erros, a minha alma como a vaga altaneira elevou-se enflammada pelo amor da santa crença christã, que bafejou-me nas faixas infantis, e ensinou apontar para o céu.

Tratei de escrever algumas linhas para dar como que um allivio á minha alma. Escrevi poucos dias, e escrevi debaixo do enthusiasmo e zelo religioso, e é este trabalho que sae agora á luz da publicidade.

Não é uma refutação completa ao livro de Pelletan, é apenas um protesto. Não tenho aspirações a renome; mas como ninguem aqui disse syllaba contra tão pernicioso livro, ali vão as fraquissimas palavras de um estudante.

A falta de cuidado na correccão das provas deo lugar passarem alguns erros de vulto; mas como não é um livro de grande folego o leitor será benevolo.

AO

PADRE RAYMUNDO DA P. DOS SANTOS LEMOS.

*em signal de verdadeira estima*

OFFERECE

O

*Auctor*

# MUNDO MARCHA

## REFUTAÇÃO A E. PELLETAN.

A humanidade é mais incompreensível sem o peccado original, do que o mesmo peccado.

PASCAL.

O mundo é máo—Eis uma queixa antiga. A principio foi bom, mas por pouco tempo; e depois precipitou-se em uma queda accelerada—eis o que prestamão todos os povos.

KANT.

O chaos cederá o carrancudo passo das trevas do abysmo e do nihilismo ao jucundo espadanar da luz fecunda.

A vida se derramava em crebras ondas pela face do planeta.

No meio das tumidas vagas pollulavão innumeraveis cardumes de viventes.

Em terra bramia o audaz leão; e os cedros se erguião altaneiros, abanando as nuvens com seus ramos, emballados pelas ventanias, e orvalhados pelas brumas ainda frescas da creação.



O sol, campeando na immensidade do firmamento marcava os dias e as noites.

O grande numero de pallidos embryões de estrellas rolavão pelos seus aphelios, proclamando a grandesa do Creador . . . . .

Até que um dia, n'um angulo do globo, surge da argilla esbelto gigante de barro, com os braços ante o peito, sem palpitação, nem calor.

De repente uma harmonia vibra além, soprada nas azas de mysteriosa aragem como o brando som das harpas heoleas de Klopsthoc, e uma vóz retumba: Façamo-lo á nossa imagem e semilhança.

E eis que um halito divino, como o que roçava pelas faces do abysmo, rola pelos marmoreos labios da estatua quêda, e de improviso surge uma nova creatura, que traz estampados no rosto resplendentes lumes, mais brilhantes do que os de Moysés no meio das turbas, quando fallava ao povo d'Israel.

Esta creatura era o homem, que alçava suas plantas innocentes, que se alevantava do berço primario, que contemplava pela primeira vez o universo, que admirava as obras do Creador no vasto proscenio da criação.

E o sopro que lhe aquecera os labios e lhe enchera a fronte de vida, foi o sopro, que do nada arrancou o mundo.

Já, então, o nobre e generoso peito humano estremece sob brandas pulsações de um coração magnanimo.

Nes olhos lhe fuzila a vivacidade; no craneo rutila uma intelligencia lucida; e todo o seu porte altivo e magestoso indica o grande papel, que esta creatura nova tem de representar no theatro do mundo.

A sabedoria increada o proclama rei da terra, e os anjos em harmoniosos còros respondem em doces harpejos—: Da terra serás o Rei.

Então todos os animaes o temem, ante elle se curvão de rastros lambendo-lhe as plantas, como se n'elle descobrissem alguma cousa de sobrenatural.

O leão, a panthera, a hiena, lhe bafejão as mãos, como rêuquejantes ondas, que, após furia indomita, lambem mansamente as fulvas arêas das praias.

O homem não tem espessa crosta como a tartaruga, mas os raios do sol o não queimão, nem as resfriadas ventanias, que passam com a nevoa das manhãs, o fazem firitar.

Não tem a ligeireza do fogoso corcel, a agilidade do mono, mas ninguem o persegue.

Está circunscripto pelos mares, estreitado pela immensidade? E que importa? Sua geração ainda é muito minguada. Quando se espalhar pelos continentes, e houver necessidade de communicações, facilmente escolherá meios adaptados aos fins á que se propozer, e executará seus planos. E para isto tem uma intelligencia brilhante, que pelo contacto com Deus lhe facilita um estado sublime.



Nada o pode sustar nesse caminhar athletico : se apparecem necessidades inherentes ao estado finito da creatura, elle tudo vê em Deus, e sua vida é tranquilla; por que vò a conquista em conquista, que, corôando suas luctas, o extasião.

Eis por que a vizão em Deus de Malebranche nem sempre nos pareceo uma dessas chimeras de Thales e Anaxagoras, ou das monadas de Leibnitz.

Por meio desse systhema sublime, de alcance superior, se pode demonstrar que a visão beatifica tem seu fundamento philosophico.

Por elle se prova que o homem em estado de natureza pura podia estar fóra da acção da morte; por que gosava de uma visão beatifica, arroubando-se em continuados extasis ao seio do Eterno.

Assim, vendo tudo em Deus, conhecia por seu turno todos os recursos convenientes aos fins e então as difficuldades desaparecião diante d'elle.

Desenvolvamos melhor estes pensamentos.

---

Ha um primeiro principio tanto na ordem intellectual como na ordem dos seres.

Este primeiro principio é o immenso e absoluto.

Na ordem intellectual das ideas, elle é a idea absoluta, unica, as mais são ideas contingentes, limitadas.



Na ordem dos sêres, só este principio é realmente, só elle é absolutamente, tudo o mais é de um modo finito.

Só em si contem toda a idea, e todo o sêr; toda a idea, e todo o ser dimanão d'elle <sup>(1)</sup>: assim como o sól, é o centro donde se distacam todos os raios luminosos que se irradião por todo o espaço.

Pois bem: partindo deste principio observamos que à proporção que nos achamos afastados de um foco de luz, os raios que d'elle se desprendem se multiplicão, se confundem, occupão um espaço mais difficil de ser abrangido pela vista e muitos perdem-se: porem, se pelo contrario nos approximamos a esse foco de luz, os raios ordenão-se agrupão-se, identificão-se diminuem de numero; e tanto elles, como o foco, podem sêr bem visados.

Assim é a intelligencia humana em relação ao primeiro principio: se nos achamos distantes d'elle, as ideas multiplicão-se, mesclão-se: em vez de conhecimento ha confusão. Se porem nos approximamos, nossa vista intellectual alcança maior somma de ideas, por que nesse caso o ponto de observação é mais circumscripto; e das as ideas, ou conhecimentos, ali se fixão.

(1) Não como parte, mas como creatura.

E' por este modo que o *systhema* de Malebranche, sobre a visão em Deus, é uma theoria sublime, transcendental, e que á nosso vêr transluz até fugazes reminiscencias do nosso passado de glória, que, pelo peccado, aninhou-se na esqualida noute dos seculos do polytheismo.

E é assim que concebemos o homem na pureza e sanctidade primitivas, seu estado originario, em que fôra creado. Em estreito commercio, contacto intimo, com Deus, o homem alçava o pensamento em espirito e verdade e conversava, por assim dizer, com a propria Divindade.

---

Porem, esse estado sublime, em que vira a luz a primicia do genero humano, esse estado angelico seria inglorio se o homem não o gozasse em plena liberdade: assim, o Creador concedeu-nos o livre arbitrio, para que os nossos louros fossem conquistados na lucta, que é movimento, e vida.

Esse dom, sem embargo de sêr precioso, é um legado de Deus, foi, na aurora da creação, uma arma fatal nas mãos do homem. A liberdade, manancial de vida, estímulo para brillantes conquistas, tornou-se o instrumento de morte e de opprobrio...

Momento fatal e luctuoso foi esse em que pela pri-



meira vez o homem sentio as trevas passarem pela retina, e a dôr pungir-lhe o coração. . . .

Era já avançada a hora. O sol dobrava-se além do zínith, quando o anjo sombrio da morte pairava, como Eumenide infernal, sobre as planícies do Edem. . . .

A viração passava gemebunda, suspendendo levemente os pomos da arvore da vida, e em seu lento soprar arrastava o precioso dom da humanidade entre gemidos e lagrimas. . .

Dir-se-hia que essa fresca viração, que passava soluçando, desferia as ultimas cadencias das harmonias do universo, que era um soluço longo e indefinivel de morte, ou tremulos sons da harpa do Rei-Propheta, repercutindo sobre as cupulas dos cyprestes de Sião, gemendo a penitencia, ou os trenos doridos de Jeremias quando com as pedras das ruas de Jerúsalem chorava sobre captivoiro de Israel...

E o homem está realmente decaído do pedestal de venturas. Eil-o que repousa descuidado sobre a borda do sepulchro, em cujo leito vê adornada com os sudarios da morte sua geração em germen!

Deus, infinitamente bom, mas soberanamente justo, já o não conserva como d'antes, sob suas complacentes vistas. O homem era um réo de lesa-magestade Divina: devera sêr um proscripto.

E as leis da natureza correm livremente, sem respei-



tar creatura alguma. A face de Deus as gerações nivellão-se.

Tudo se muda para o homem. Adão, despertando após o peccado, abre os olhos na mais cruenta e desoladora realidade, conhecendo o sublime estado que perdera.

A angustia do remorso o impallidece, sua fronte melancholica curva-se abatida, sua vida, vergel de mimosas flôres, converte-se em jardim abandonado, onde a discrição surgem cardos.

Ah! Prometheo audaz, que roubaste afoutamente o fogo celeste, vê agora o faminto abutre dos cuidados despedaçar-te as entranhas!... E agora?... agora... dorme, gigante da desobediencia, e sonha com as venturas que rolarão no abysmo, como a ave, que trespassa, atravessando o ar, em cujo eaminho nenhum indício deixa, senão o ruido das azas, que corta o leve vento e fendendo o ar, com o jacto do seu vôo, passa agitando as azas, e depois disto nem esperança deixou de sua volta» (1).

Mas o que? dormir? não: elle não dorme.

Aquelles hymnos tam surprehendentes, como os de Milton, que lhe rolavão pelos labios no momento do disper-

(1) E' do Livro da Sabedoria.

tar, bendizendo o Creador pela harmonia do universo, já não lhe affagão o coração; nem a intelligencia.

Agora cruza os braços sobre o agitado peito, e medita sobre sua perdição.

Quer recuar espavorido ante espectros imaginarios, que surgem diante de si: o tremor violento de Caim o acompanha sempre.

O mar sempre roqueijante esbraveja-lhe na retaguarda: o homem pela primeira vez tem pavôr.

Quer avançar: mas em frente lhe rugo o audaz leão, ameaçando estrangulal-o.

Então o filho proscripto inclina-se para um lado, e eis que descobre sua infeliz companhia, e ambos ao mesmo tempo devorados de pejo escondem as faces entre as mãos e exclamão : estamos nús.

Como porém sabeis que estais nús; se até agora em o mesmo estado não haviéis conhecido tal cousa?..

Estamos nús, respondem, porque a evidencia assim grita dentro de nós: temos pejo, vergonha do nosso estado, em uma palavra—estamos nús.

Ah! estas palavras fataes, que encerrão uma tremenda revelação, por mais esforços que faça Pelletan, nunca provarão um melhoramento social.

O homem procura folhas para se cobrir, não porque tirite de frio, ou o encommode qualquer acção da natureza, mas porque tem pejo.



Dizei-nos porém, Pelletan, donde vem, como procede tal pejo?

Do peccado. Eis o echo do genero humano, echo immortal que ainda repercute com accento lugubre no intimo dos nossos corações: estamos nós.

Sim, estamos uús ! E' este o brado, que retumbou por entre as flores emmurchecidas do Edem, e até se ouviu no mais estrepitoso baile de Londres, onde um philosophico disse, que não via as lagrimas de ninguém.

Nas mais altaneiras apotheoses de felicidade em que por ventura nos ergamos; no silencio da noute, em nosso gabinete, mais desafogados do pezo das paixões, repetimos as fataes palavras de nossos paes—: estamos nós.

As sociedades, as nações voão nas azas do progresso. O fumo de myriadas de fabrica negreja o espaço, os vapores, os wagons, os telegraphos, vencem as distancias com rapidez espantosa, os codigos humanisam-se: mas penetrai alem. . . . penetrai alem; escutai cautelosamente um som misterioso que vibra incessantemente; applicai bem o ouvido, escutai uma voz, ou antes um gemido tremulo, que parece passar atravez das mais reconditas fibras de um coração profundamente agitado. . . . escutai. . . . que som é este?

E' o echo do paraíso, é a palavra de Adam sempre a repercutir com accento dorido: estamos nós, estamos nós.



Quando, porem, nos embalavamos nestas crenças, cimentadas no largo decorrer de seis mil annos, eis que, das plagas do Mediterraneo, os ventos nos sopráo uma doutrina, que, pelo seu modo de combate, traz um cunho de novidade: nega o dogma do peccado original, a penitencia e outras verdades catholicas.

Essa doutrina nos manda quase dogmaticamente arrojar no abysmo esses *andrajos* vetustos da *legenda* do peccado original, e offerece-nos ricos estofos, coxins para reclinar-mo-nos ao doce marchar do progresso.

Essa doutrina propõe-se, e crê explicar tudo por meios puramente naturaes, derrubando por uma vez o reducto dos mysterios.

E' esta realmente uma bella empreza, um sublime commettimento para o racionalismo.

Mas, Pelletan, vós que delle sois um denodado pregoeiro, parai em vossa atroadóra passagem.

As revoluções moraes que se perpetuão, e se immortalisão em seus 'effeitos, não se executa com tanta inconsciencia; as crenças religiosas mui arraigadas no intimo da consciencia universal não se arranca assim com essa leviandade da borboleta, que pouza de flôr em flôr, sem dar contas do mel que suga.

Sustai por um só momento nesse vôo de aguia, e diz-nos: em nome de quem tanto ousaes?

—Em nome do progresso.

Pois bem. Antes de vilipendiardes nossas crenças,

mostrai vossas credenciaes, para que se saiba, que não sois um revolucionario, mas defensor de uma idéa que tem formado partido, e como tal merece as honras de uma discussão.

Examinemos pois a vossa filiação, a falange á que pertenceis.

Um dia houve um homem, superior á seu seculo, que dilatou suas vistas de aguia, e divulgou um movimento na humanidade. Este homem foi J. B. Vico.

Este robusto pensador distingue tres epochas, ou estados na sociedade: divino, heroico, e civil ou humano: estados que a humanidade percorre, e em que consiste o progresso da mesma humanidade.

O primeiro é o estado de infancia, em que nascem os povos, e em o qual tudo os maravilha, e acabão por adorar as forças da natureza.

O segundo, ou o estado heroico, já é um passo na senda do progresso. E' a epocha do heroismo, é a epocha dos Theseus, dos Heróules, dos Jassões; é a epocha das empresas arriscadas, do velocino de ouro, de Agamenon sobre os muros de Troya.

A terceira epocha, a civil, ou humana, é a ultima expressão do progresso humanitario: é o tempo do desenvolvimento intellectual, a propagação das idéas generosas no doce gemer das harpas israeliticas e hel-lenicas, nos bellos arroubos de Socrates e Platão, no



profundo pensar de Confucio e Pythagoras, que se abrem e fulgem no centro das trevas, como a crysalida se espadaneja ao perpassar a tepida viração da primavera.

E pelo lado artistico, é a epoca, em que o cinzel de Phidias faz mil fragmentos marmoreos voarem a través do Hecatompodon. Mas para que tanto afan. . . . se, como diz Vico, esta epoca de tantas glorias, de tantos louros, é a epoca terrivel para o homem; por que ali é o termo de seus afanosos labores, e por um decreto fatal, elle tem de retroceder e principiar sua marcha pela primeira idade, e assim por diante, rodando eternamente neste circulo vicioso ?

Outro vulto, não menos eminente, sentio tambem o doce orvalho do progresso refrescar-lhe a fronte espagosa e sublime. Ergueu-se no meio do turbilhão de idéas do seu tempo, e sustentou o progresso humanitario. Este homem foi Herder. Como porém entendeu este genio a theoria do progresso ? sob que influencias ? Sob a influencia dos climas : de sorte que, segundo a opinião de Herder, chegaremos á esta conclusão—que o progresso é fatal por ser sujeito aos climas; que os caracteres apresentados em um paiz por seu desenvolvimento serão perpetuos : assim a Grecia e o Egypto



sempre serão areopagos, e Roma theatro das mais gigantescas façanhas bellicas. (1)

Kant, deslumbrado pela maravilhosa marcha dos constantes melhoramentos, concebe e proclama o methodo ou plano de traçar-se a historia da humanidade, em a qual se notasse a lei geral, que faz, por mysteriosos designios, a humanidade tender para o seu total desenvolvimento, ou apogeo do progresso.

Boulanguer é sectario de Vico: segundo elle, primeiramente dominão os Deuses, depois os heroes, d'rao ultimo se constituem as republicas.

Daumer sustenta haver progresso nas proprias religiões, considerando-as como «revelações da mais elevada razão humana», ou um movimento progressivo para uma religião absoluta. (2)

Boucher, combinando a doutrina de Herder e Heguel, a de Lessing e Daumer, reconhece a legitimidade do progresso, e fundamenta-o em bases metaphysicas.

(1) Entretanto elle pertence a eschola do progresso; nada obstante haver-se transvindo, assim como Vico e outros. Nós, porem, para que o nosso trabalho seja mais util apresentamos a opinião e o erro da doutrina.

(2) Convem notar, entretanto que esta opinião é erronea e impia.

Eis em synopsis, para não prolongar mais esta lista, a brilhante e variada escola á que se prende Pelletan. E, em vista dos grandes personagens que nella figurão, não podem haver mais nobiliarios titulos que os de combatentes ou sectarios, que se abrigão e militão sob os estandartes destes grandes homens.

Mas, que papel cabe á Pelletan nesta escola illustre? Aqui sentimos escapar-nos uma palavra auctorisada, para qualificar-o no rôl dos lidadores, e dizer tudo quanto pensamos; entretanto a nosso vêr Mr. Pelletan não passá de um macaqueador, e isto porque:

Não tem elle — o genio prescrutador dos monumentos archeologicos, que corôa a fronte magestosa de Vico; não tem a argumentação nervosa de Herder, quando transporta-nos sobre as eloquentes ruinas de Persepolis, Babylonia, Palmira, etc; não tem o pensamento profundo, sublime, quasi transcendental de Kant; porque finalmente disse cousa já dita e ha muito refutada.

Muitos destes grandes genios, adornados com os activos de uma intelligencia superior, aturados estudos, e serias meditações, jámais tocaram, com mão verdadeiramente sacrilega, a Arca Santa dos mysterios christãos, jámais negaram dogmas do catholicismo. Não assim Pelletan, e por isso veja-se:

Kant, equilibrado nas azas da metaphysica, demonstra com a maior robustez de logica, que o peccado original no homem, tal qual o temos, é uma necessidade da philosophia.



Turgot affirma que o christianismo foi um progresso continuo na idade media, e dá superior vantagem á esta religião sobre o mundo antigo. Sob ella, diz elle, é que germina o verdadeiro progresso.

Mas Pelletan, desejando repartir a purpura de Renan, passa além: chama o Deus dos christãos—Deus morto, incapaz de insuflar o progresso!

Como é pobre de espirito M. Pelletan!

Sem embargo disso não se pode negar que Pelletan seja um bello talento, e sua theoria mui propria para fazer adeptos; porque seduz pela plumagem, e muita gente ha, que gosta de contemplar as cousas pela superficie.

Sua obra, porem, é uma refutação cabal á seus paradoxos. E' mais uma razão esclarecida que se expande em desabrida lucta com seu coração, o que prova, exactamente, o estado de depravação moral, em que nos submergio o peccado original.

Nós não condemnamos absolutamente o illustre perfectibilista. Somos tolerantes, desculpamos os erros, porque sabemos que o espirito humano é como a pendula vacillante, que, antes de occupar o justo centro, erra pelas extremidades.

Pelletan, esforçado defensor de uma theoria, que queria apresentar com o cunho da novidade, exaggerou e vagou nos extremos. E senão vejamos.

Os catholicos sustentão que o homem fôra creado no



estado de graça, *de natureza pura*, (1) de justiça originária, do qual decaiu pelo peccado, que livremente commetteu.

Pelletan porem meneia a cabeça, solta dos labios um riso mofador, e proclama outra doutrina.

O homem, segundo elle, nasceu em estado *de pura natureza*, isto é, em estado soffredor, tal qual o vemos hoje soltando deformes vagidos, apenas sae do materno seio, neste estado de dôr, onde tudo tenta destruil o

Em compensação, porem, diz elle, de tantas fraquezas e dores, Deus conceden-lhe uma intelligencia fecunda e um coração heroico: de modo que o estado em que nascemos, em vez de ser um mal, é um bem.

Se o homem não nascesse assim, não poderia progredir. Elle nasce nu, sem agilidade alguma, sem forças para oppôr resistencia aos seus inimigos; mas em breve inventa meios para resistir á qualquer aggressor, que intenta destruil-o: isto quando é necessario, porque ao contrario, sem resistencia, campeia desimpedido como a esbelta gazella do deserto.

Porem, si desde o seu nascimento Deus o tivesse

(1) Deve-se attender muito para esta expressão: ser creado em estado de *natureza pura* e de *pura natureza*. A primeira expressão é orthodoxa, e a segunda heretica.

provido de tudo, o homem, não tendo a empregar esforços seus, passaria uma vida monótona. Assim, si para reagir á acção do tempo, trouxesse uma crosta, dadiya da natureza, passaria arrastando-a por toda parte como a tartaruga, e ficariam incognitas essas bellas concepções architectonicas, onde a vista se dilata, e a intelligencia se extasia na contemplação do bello.

Sim, o homem nasce soffredor e necessitando de tudo, porém esta é a mais brilhante phase do progresso. Colloca o dedo sobre a fronte nos momentos criticos e trata de remir as necessidades.

Se tem frio, a chamma primeiramente roja da pedra para aquecel-o, depois o tecido, as pelles, a casa, etc. Se tem fome, a espiga amadurece ao sol para nutril-o; está ferido, e o ferro o cura suas chagas; está estreitado pelo oceano, reflecte, e o navio singra as ondas; está isolado, curra a fronte, e põe-se em communicação.

O cedro elevado brame ao passar das ventanias nos pincaros das montanhas. O homem lhe passa ao pé: o madeiro o ameaça esmagar. E entretanto o homem tem necessidade delle.

Pois bem; em breve o machado lhe fere o tronco: a arvore gigantesca, que ainda ha pouco ameaçava as regiões das nuvens, baqueia por terra. E' ainda necessario despedaçal-a: a serra o retalha; a enxada desbasta; a plaina a alisa; o escopô, o formão, a raspadeira, a licha, a verruma, etc., tudo apparece, e as artes erguem-



se em favor do homem, deleitando-lhe a existencia, e embellesando o universo.

Se porem o homem tivesse recebido todos estes instrumentos, desde sua creação, jamais os deixaria. O machado andaria continuamente ligado ás suas mãos como as garras da panthera, que lhe são necessarias para retalhar as victimas; a serra lhe estaria sempre pendente do hombro; a plaina, a enxada, o escopo, o martello, tudo emfim, e este novo ouriço cacheiro morreria soh o peso de suas invenções.

Em vista pois destes principios, é desnecessaria a legenda do peccado original; porque a necessidade do progresso explica tudo.

Eis uma theoria racional, ao passo que a do peccado original é contradictoria, porque todo o peccado ou falta *«sendo pessoal, todo o castigo o deve ser tambem. Eo que temos com os peccados commettidos ha quatro mil annos? Que Deus é este que crea, para exercer um odio de cinco ou seis mil annos?»* Aqui Pelletan parece deitar toda a força, e como que ja bate palmas com o triumpho. Mas continua elle a fallar:

«Dizem que o homem peccou e suas dores são expiação deste peccado. Mas, que nova linguagem é esta da dor pela dor?»

O homem foi creado perfeito e depois caiu pelo peccado! Bella theoria!

« Quereis saber si o homem era perfeito em sua origem? Pois tanto o era que caiu e desmórrou-se. Assim também vos direi : aquelle navio é muito bem construído, muito forte, e a prova é que ao primeiro embate das ondas abre-se todo.

Não; felizmente a linguagem do genero humano é outra. Fóra essa legenda rançosa que põe péas aos vãos da humanidade. Nós não precisamos della para cousa alguma. Basta conhecer o homem, que, vindo ao mundo, e achando algum cabedal conquistado pelos antepassados, tem rigorosa obrigação de contribuir para o seu augmento, e assim a humanidade marchará com os olhos feitos no futuro, de conquista em conquista como as aguias de Cezar e Napoleão. »

---

Eis como Pelletan sustenta sua doutrina da perfectibilidade, pretendendo derribar um dos primeiros dogmas catholicos.

De todas as partes, em tudo, elle só ouve a palavra—progresso: o vento que passa lhe diz—progresso; o mar brame—progresso; o cedro que geme—progresso; o passaro que gorgoeja—progresso.

O espaço não lhe basta; nem lhe sacia o mesmo Deus do Christianismo, por ser um Deus crucificado, um Deus morto, quando o Deus do progresso é um Deus vivo, um Deus de movimento, um Deus radioso, que nada mais é que—este livro immenso, que se abre de uma



à outra curva do horisonte, escriptos para todos os sentidos do homem, com a flamma e o raio, o som e a electricidade. (1)

A existencia dos espiritos malignos, segundo Pelletan, é nos dias de hoje uma dessas chimeras legendarias em que um ou outro burguez muito rustico ainda crê, mas os homens de siso quando muito lhes dão as honras de uma risada sarcastica.

« Esta fabula, diz elle, explica-se mui facilmente:

« No principio das sociedades a somma dos males excedia a dos bens. Ali o homem luctava com forças desiguaes contra a natureza, e eis por que a religião assenta no throno um Deus formidavel e inimigo do homem.

Mas, ao lado do mal, o homem ainda encontra, ali e aqui, o bem em sua passagem; a vida ainda se lhe mostra risouha.

Então ao Deus terrivel annexou, ou antes oppoz um Deus bemfazejo, mas impotente; para conciliar estes dois senhores contraditórios, delega a cada um no cêo uma esphera de acção.

(2) Creio que estas expressões se não são pantheisticas, não estão longe d'isto. Ao menos de igual doutrina se retratou Cousin nos momentos proximos a morte.

Eis o motivo de nos antigos monumentos sempre encontrarmos dois princípios em verdadeira lucta; e primeiramente o principio máo levando vantagem sobre o bom. A' medida porem que a humanidade caminha e destroe á cada passo as desproporções entre o bem e o mal, o Deus bom toma successivamente proeminencia e acaba por supplantar o principio máo.

Eis o complemento da doutrina de Pelletan. A existencia do demonio, ou espirito maligno, é um resultado das idéas aranhadas da idade divina de Vico; é o homem divinizando as forças que o damnificavão, sem todavia essas divindades terem existencia real.

Apreciemos agora as affirmações de M. Pelletan; e entremos no amago de sua doutrina.

Fazendo primeiramente um apanhamento da doutrina em geral, um bem vulneravel campo se abre diante de nossas vistas.

Tirando-se os bellos torneios, as ricas plumagens, os atavios de uma linguagem de fogo, dê uma linguagem eminentemente poetica, e attendendo-se somente ao nervo do pensamento logico, o que resta, ou o que vem a ser a doutrina do illustre perfectibilista? Um paradoxo, um impossivel, uma perfeita contradicção.

Vemos a sua doutrina querendo explicar o homem pelo homem, pede do homem para o mesmo homem, isto é, pede ao homem que tire donde não tem para



ter : pode todo progresso somente do homem que ainda não o tem.

Mas isso em philosophia é um completo paralogismo e em historia para fallar a linguagem da claresa é ignorância.

Basta ler-se a historia do Novo Mundo, onde as tribus selvagens, divagando sem a reverberação da luz da revelação passavão os annos sem avantajár passo na senda do progresso.

Eis porque disse um dos maiores homens da actualidade :

« Plus on réfléchit, plus on reconnaît que l'homme ne possède rien de grand et de beau qui lui appartienne, qui vienne de sa force ou de sa volonté; mais que tout ce qu'il y a de souverainement beau vient immédiatement de Dieu.

« Les christianisme, que sait tout, l'a compris dès le premier jour.

« Les premiers apôtres sentirent en eux cette action immédiate de la Divinité et s'écrièrent dès la première heure : *Tout don parfait vient de Dieu.* (\*)

1) Lamart. Voya—en Océa T. 1.º p. 49.

Quando vos mostraes tão cioso do rigor logico tiraes conclusões sem antecedermente haver aprofundado os factos. Muitas vezes as vossas conclusões gemem no leito de Procrusto somente para sustentar os vossos principios.

Que idéa fazeis de Deus, vós que ha pouco saltastes um riso mofador às faces de Lamartine, por dizer que o homem saindo quente das mãos de Deus devia ser mais perfeito?

Sim, do mais rapido lance de vista sobre vossas cartas, ahí se vê que sustentaes—que toda conquista do homem, todo o progresso é devido as forças do proprio homem, oppresso pela necessidade.

Mas, como assim? Não vêdes que isto é uma doutrina sacrilega? não vêdes que o homem creado tal qual o pretendeis obrigaes Deus á representar um papel de tyranno, de ser injusto?

Não posso crer que Deus fosse mais prodigo para com os irracionais que para com as creaturas, intelligentes.

Vistes per ventura um viandante, já extenuado, ser surpreendido pela tempestade que o transviou em noite horrivemente tenebrosa, divagar atravez de pavorosos silvedos, sem um guia, sujeito a desabar no primeiro abysmo onde falseassem seus pés?

Sabeis a causa de tão grande mal?

Foi um estalajadeiro que negou agasalho ao pobre



viandante extenuado de fadigas, e com a fronte queimada pelos ardores do sol!... Pois eis o homem e o Deos do vosso progresso.

Sim, o primeiro homem em a sua infancia quando mais necessitava dos soccorros do seu creador, por sua total inexperiencia, é como esse abandonado viandante lançando a mercê das ventanias, como avesinha que vaga alem, atirada pelo arrojado sopro da tempestade, sujeito a morrer de fome, ou a envenenar-se com o primeiro fruto de que lançasse mão para matar a fome; sujeito a affogar-se na primeira corrente que procurasse para matar a sede, sujeito a ser devorado pela primeira fêra que o encontrasse!...

Ah! misera creatura, antes nascida não fôras!...

Qual é o crime, que te faz andar assim como ente proscripto, sem patria, sem altares onde sacrifiques o teu coração?

— Nenhum: diz Pelletan, tudo isto é para que elle oppresso pela necessidade possa progredir.

Oh! meu illustre philosopho, nunca conseguireis enraizar semelhantes theorias em boas cabeças.

O vosso progresso é tremendo! se tal é a sua condição não o queremos, abominamo-lo: horrorizamo-nos, por que vem ensopado em sangue, lagrimas e gemidos.

Deos assim fica sendo um tyranno: e o homem um paciente sem culpa.

E como podeis gosar das conquistas das gerações preteritas com o sorriso nos labios e praser no coração?

Não vêdes que cada machado, uma serra, uma plaina, em uma palavra, que toda essa ferramenta do vosso progresso é comprada á sacrificio de muitas nações? não vêdes que foi mister morrerem muitos para nos legar essas maravilhas que admiraes no palacio de chrystal?

Não vêdes que si hoje temos as imunidades matrimoniaes, sua indissolubilidade, etc, forão compradas á custa da honra dessas infelizes babilonias, que se expunhão em mercado e ao lance dos publicos leilões, esperando quem mais dêsse? e assim tambem da horriovel prostituição legal, auctorisada em Roma e Corintho?

Não vêdes que as imunidades politicas, que hoje gozamos, a liberdade, esse maná do céu, etc, foram tambem compradas á preço de sangue generoso, nas horrosas hecatombes dos circos e amphitheatros do paganismo?

Ah, para que ir mais longe, para que delinear quadros plangentes? . . . . Para qualquer parte que nos voltemos, e onde encontrarmos algum melhoramento, algum progresso, ver-se-ha em sua base uma historia de gemidos e lágrimas, escripta com letras de sangue! . . .

Pois hem, dizci-me, será proprio de um sêr justo e misericordioso crear um ente para que ao depois comprasse sua vida tam cara?

Oh, mil vezes não: Deus não zomba dos mortaes.



Poderia deixar o homem conquistar suas coroas por si mesmo, mas tão ensanguentadas, tão rubras, tão cobertas de pó, pelo tropel das turbas amotinadas e confundidas, pelo frenizi da desesperação. . . nunca.

Issò seria horrivel.

Logo, sob este ponto de vista a doutrina do peccado original é mais racional, por que colloca Deus na alta esphera, que exactamente é harmonica á recta razão, e que nos diz que si o homem alcança com tantas luctas os melhoramentos, o progresso, é por que peccou, e então ficou sujeito e condemnado á ferir o pó sempre esteril e ingrato.

Descamos, porem, e cavemos até aos alicerces dessa theoria fundada na areia.

---

Apparecendo o homem, sustenta Pelletan, no immenso theatro do mundo, acha o progresso, os melhoramentos. Mas, si por um lado elle apraz-se de gosar os fructos dessas conquistas, por outro está na restricta obrigação de contribuir para o engrandecimento do cabedal encontrado.

De maneira que o homem fita os olhos no futuro, trabalha para o progresso, e eis em que se resume o nosso peregrinar neste mundo.

Porem, esta doutrina será uma realidade, ou uma dessas utopias communs que todos os dias se está á pregar por ali? Cremos assim.

Esta doutrina, excessivamente fatal, bane a religião. Nada mais fácil do que mostrar-se o principio, os meios, e os fins, e dizer-se como na legenda do Judéo errante—: caminha.

A constante pratica dos seculos desmente felizmente estas audaciosas pretensões. O homem conhece suas obrigações, os meios de que se deve servir, para preencher-las, e equilibra-se no centro de difficuldades sempre as vencendo, e desempenhando sua missão.

Mas para que assim o faça, é mister o concurso de um outro poder que auxilie sua fraqueza: este segundo agente é a religião. (1) E entre todas as religiões a unica que satisfaz completamente este grande desideratum, é a religião catholica.

Negar-se hoje a necessidade da religião para marcha da sociedade, é cousa tam absurda que passa á pedantismo inqualificavel, sinão incuravel, e nem merece as honras de uma discussão. Passemos adiante.

Quero ainda acceitar por hora a argumentação, no terreno em que a colloca Pellétan.

(1) Tanto isto foi conhecido por todas as gerações e em todos os tempos que Plutarcho disse ser mais fácil encontrar-se uma cidade sem leis, moedas, reis: etc. que sem uma religião.





E vejamos:

Antes do Christo perdia-se o mundo nas trevas do polytheismo, nas horrorosas scenas do Bubaste, nas orgias sacrilegas de Balthasar, e nas festas alegres de Bacco: depois do Christo o que faz elle? mirra-se nos rigores dos claustros e das penitencias, adorando como Deus um homem, reverenciando Deus no Christo, que todavia é filho do homem!

Eis o novo campo que nos descortina essa theoria. Embala-nos no berço, e diz: abri os olhos e vede, que elaboraes em erro. Si porem isto é assim, é claro que a humanidade até o presente não tem progredido, tem apenas mudado de face, mas sempre elaborando em erro. E' Pelletan, o primeiro a abrir-nos os olhos, e mostrar-nos a senda do progresso.

Mas, distincto philosopho, a vossa revelação é bem tremenda! si as crengas que temos sobre o peccado original, e por consequencia sobre a redempção não passão de simples chimeras, como pretendéis, deixai-nos permanecer nesse erro, nessa illusão; deixai-nos gozar dessa negação e não nos tirai desse somno alias agradável.

Com effeito, Pelletan, si negardes o peccado original negareis a redempção: o christianismo desaba: e então o cahos empunhará o seu pavoroso sceptro, e as trevas rolarão sobre a face do abysmo como no principio dos tempos; porque na palavra do sabio, A. Nicolas, o homem é um enigma no qual a queda original dá a primeira palavra, e a redempção a ultima.



Si o christianismo com seu fundador não passão de uma chimera, porquê o peccado original não existe, me farei discipulo de Hume e de Bereklei e negarei tudo. Nada existe, porque então eu não sei o quê seja criterio, o que seja certeza, e sobre o que se possa estribar a crença: a historia será uma alta mentira; nós mesmos, mentira; o mundo, mentira; e por fim, Pelletan e sua doutrina, mentira, e só a morte absoluta, realidade!

Será isto possível? Será esta a linguagem do genero humano? Felizmente não. Esse tam absoluto scepticismo, que importaria a morte da alma, já não está em voga.

Logo, essa theoria pregada no pamphleto «O MUNDO MARCHA» é erronea; por que prova de mais, e por isso nada prova segundo os logicos.

E vós Pelletan, respeitae o bom senso de toda a humanidade; respeitae as crenças de quatrocentos milhões de catholicos, que povoão a superficie do universo: ou então diremos que ignoreaes os rudimentos ensinados no cathecismo das escholas primarias.

Felizmente, porem, para a causa da verdade não são estes os únicos pontos em que o illustre perfectibilista é apanhado em flagrante. Pelletan é um desses espiritos de tarracha, como diz um chistoso escriptor, que para uns incha e para outros abaixa.

Em um lugar quando quer demoustrar o progresso mesmo nas idéas, religiosas, apresenta as idéas gros-

seiras do polytheismo, em face da idéa sublime da unidade religiosa do christianismo.

Mas como assim? Ali desconheceis a legitimidade do catholicismo, porque ha peccado original: aqui vos servis da seiva fecunda e sã desta religião sacrosanta, para fundamentar vossos principios?! Porem, si o catholicismo é um erro, como pode dar bons frutos? Ah! já vos comprehendo. . . . A mesma verdade, Pelletan, vos confunde.

E quanto ao nosso humilde modo de pensar, o vosso rumo foi mal projectado. Devieis, para tirar algum partido contra os dogmas catholicos, mostrar (o que seria impossivel) primeiramente que o Christo não é o Filho de Deus; porque em quanto estivermos crentes que elle o é, accreditemos por força da mais esclarecida logica, que o peccado, a penitencia, o jejum, teem um justo fundamento, pois tudo isto foi praticado, e ensinado por este Augusto Mediador.

Porem eu comprehendo-vos: tentaes a empreza pelo mais fraco—o das affirmações dogmaticas, adornadas com linguagem florida, e seductora. Isto, será uma estratégia em campo de batalha, mas perante a logica, a intelligencia que aspira ser convencida e não illudida, é um partido triste, mesquinho, e vergonhoso.

Deixemos porem o terreno das absurdas consequen-



cias que encerra a doutrina de Pelletan, e passemos á uma discussão mais seria sobre o peccado original.

Não ha peccado original, dizeis. As tradições sobre a existencia de um espirito máo, causador da queda do homem, são legendas allegoricas sem fundo real, representam apenas as luctas do homem com as forças inimigas.

Mas attendei bem para as vossas affirmações. Estes grandes dogmas não si derribão assim com pennadas: á favor delles falla a propria logica.

A logica somente?

E as tradições de todos os povos do mundo, que, sopradas dos quatro ventos, retumbão do reconcavo dos seculos preteritos, clamão de cada tronco vetusto da India, de cada pedra do Egypto, das ruinas carcomidas de Korsabad, desses hyinns que gemem nas cordas do lyra de David, nos troncos de lere-mias; e essas tradições que echoão desde a palavra grave, sentenciosa, e sublime da Sabedoria até o idyllo maviioso, florido, e arrebatader do Cantico dos Canticos?...

Porventura nada exprime, nada significa esse echo magestoso e profundo da natureza?

Essa universalidade vetusta nada diz? Entretanto a mesquinha e solitaria vóz de Pelletan é que diz muito, ou tudo?

Sim; infelizmente para a causa da verdade assim é. Basta ter elle fallado e affirmado atrevidamente contra

o sagrado, contra a religião, para ter passaporte, entrada e accitação em muitos lugares.

Porem discutamos sem medo.

E' verdade que, principalmente em algumas recentes excavações, que se ha feito atravez das immensas camadas archeologicas no Egypto e territorio do antigo imperio Assyrio, se tem encontrado alguns monumentos que parecem favorecer a opinião de Pelletan, pois nelles se vê dous principios como que em luta desabrida: mas o argumento, que disto se tirasse para provar que ali estão estampadas as luctas humanas, jamais mereceria esta alta affirmacão, que lhe dá Pelletan.

E realmente: porque esse máo espirito em lucta contra o bom ha de representar a somma de forças contrarias ao homem e não um espirito máo, que foi causa da queda do homem, como os catholicos o crêem, e Jesus o ensinou do alto da Cruz?

Mas é que Pelletan é um desses homens de quem muito precisão as más cousas: affirma em tom o mais dogmatico, sem provar: assim, segundo elle, «hoje um outro burguez é quem ainda crê em Satanaz.» Mas contra esta gratuita e officiosa affirmacão ha o facto. Pelo menos em o nosso Brazil todos os catholicos crêem na existencia de Satanaz.

E não é sem fundamento que assim o fazemos; porque sendo nós filhos do Christo, sectarios de sua doutrina, transmittida primeiramente pelos Apostolos, em quem



depositamos toda a fé; e vendo que o Divino Mestre, em uma occasião expulsa uma legião de demonios, e em outra Satanaz tentando ao Salvador; e depois disto tantos factos mui extraordinarios, que se tem passado no seio da christandade; dizemos, quando vemos tudo isto, não podemos deixar de acreditar na existencia de Satanaz.

Mas Pelletan diz: á admittir-se a existencia dos mãos espiritos, que induzão e arrastem o homem á pratica de actos contrarios aos preceitos da moral, é nada menos que professar o fatalismo ! . . .

Nós, porem, com intelligencia apoucada não vemos similhante cousa; parece-nos que é mister vista mui apurada e penetrante, para encontrar tal erro na doutrina catholica; porque nunca se sustentou que Satanaz arrasta necessariamente o homem ao vicio, e sim que tem certos modos de seduzir, já inflammando as más paixões, já aformoseando tudo que faz objecto do crime.

Sempre se disse, que o homem, por suas faculdades, e especialmente pela vontade, pode resistir ás más tentações; e erguer-se radiante de pureza, desviando-se do lamagal do crime. E Pelletan para ser consequente devia achar brilhante esta doutrina; pois elle crê que ao homem, para se mostrar intelligente e suceptível de progresso, lhe são necessarias luctas titanicas, em que se empenhe.

Nós poderíamos ainda encarar esta questão sob ou-

tra face, porem a estreiteza deste pamphleto nos obriga abreviar, e passar avante, onde trataremos com mais individuação do peccado original, principal movel deste trabalho.



## II.

Passemos agora a consultar as crenças dos povos preteritos, desde a mais remota antiguidade, desde esses tempos que prendem-se quasi ao berço do genero humano: ouçamos o verbo de cada povo, afim de concluirmos mais firmemente em prol da verdade.

Segundo a palavra respeitavel do Zenda-Avesta, entre os Persas, o tempo foi dividido em quatro epocas: na primeira reina tão somente Ormuz, o Deus bom.

Depois elle crea os Tervers, ou anjos immortaes, curva a abóbada dos céus e levanta o monte Albordi: (é a criação do céu e da terra, segundo a Biblia) e por fim apparecem Meschia e Meschiané, o primeiro homem e a primeira mulher. Erão puras e vivião obedientes aos preceitos de Ormuz, seu creator.

Ariman, o genio do mal, viu-os, e tratou de perturbar a sua felicidade; o que conseguiu, appresentando-se *sob a forma de serpente*, offerecendo fructos e dizendo ser o auctor do homem, dos animaes, das plantas, em fim de tudo.

Elles acreditaram nos fallazes discursos de Ariman, e perdêram-se: a sua natureza corrompeu-se, corrupção esta que passou á todas as gerações.

Tanto crião os Persas na existencia do peccado original, que conspurcára a humanidade, que, para uma total purificação, não só esperavão um futuro redemptor, como o igneo planeta *Gourzscher*, que devia cair sobre a terra, afim de purificá-la, tal como fôra no principio da criação.

Ormuz, em um lagar do Zenda-Avesta, diz: Oh! Sapteman-Zoroastro, eu eriei um logar de delicias e de abundancia, com o qual não poderá comparar-se outro na terra, e nenhum outro o poderia crear, oh, Sapteman-Zoroastro. Chama-se o *Erieno-Vedjo*, e excede em belleza ao mundo em toda a sua extensão. Nada iguala a uberdade desta terra de delicias por mim creada. A primeira morada de bengãos por mim creada, por mim Ormuz, exempta de toda impureza, é o *Erieno-Vedjo*. (Cantu, Hist. Univ.)

Os Nachars orão á Ormuz para que os homens sejam sem peccado, e para que o peccado se apague. (Voy. anc. etmod. ant. Pers.)



Os indianos, segundo a luminosa carta do Padre Bonchet ao sabio Bispo de Avranches, os Indianos crêem, que primeiramente reinou Paravaraston, o Deus supremo. Depois Brama forma o homem de lodo da terra e é collocado no *Charcan*, jardim delicioso, onde todos os fructos se encontram em abundancia. Ve-se ali uma *arvore*, cujo fructo communicaria immortalidade, se fosse permittido comê-lo.

Ora, os denses inferiores, dizem ainda os indianos, tentaram por todos os modos chegar á immortalidade. A' força de procurar lembraram-se da arvore da vida, que estava no *Charcan*; e, comendo o fructo conservaram o precioso thesouro que tanto interesse tinham em não perder.

Uma formosa serpente chamada *Cheien*, apercebeu-se de que a arvore da vida tinha sido descoberta pelos deuses de segunda ordem; e como apparentemente se havia confiado aos seus cuidados a guarda desta arvore, encolerisou-se tanto com a surpresa que lhe fizerão, que espalhou veneno em grande quantidade sobre a terra e toda ella se resentiu, e nenhum homem devia escapar á este veneno mortal.

Porem o Deus *Chiven*, compadecendo-se da natureza humana, vae apparecer sob a figura humana e beberá todo o veneno, com que a maligna serpente infeccionára o universo.

Segundo outra tradieção do mesmo povo, *Brama* for-

mou o homem do lodo, e agradou-lhe a sua obra: o pôz sobre o *Schors chiam*, paiz de todo o bem, onde havia uma arvore, cujo fructo, quando o comião, dava a immortalidade.

«Si interrogamos o Groelandez sobre esta materia, elle sabe dizer—que primeiramente da terra foi creado *Kal-lak*, e do seu pellegar saiu a primeira mulher, e que por peccado do homem a terra foi submergida.»

Em Ceylão ainda se mostra um immenso lago de amargosas águas, formado pelas lagrimas de Eva.

Segundo os Africanos, *Ata-Kentrick* foi expulso do céu por uma desobediencia.

A importantissima fabula de Promethen e Pandora não é menos explicita sobre o grande dogma tradicional da queda originaria.

Pandora, mulher dotada de todos os favores celestes, é depositaria de uma caixa, onde estão os bens e os males promiscuamente confundidos. El-lhe prohibido abrir essa caixa; ella, porem, excitada pela curiosidade, abre-a, e os males fogem, derramão-se pela face do globo, e desde esse dia que uma infinidade de males e calamidades errão entre os homens, e a terra está infeccionada delles, assim como os mares; e os males se recreão em atormentar os mortaes noite e dia. »

Promethen, esse grande simulacro da humanidade, homem ousado, pretende arrancar os segredos celestes; immediatamente, porem, é punido, permanecendo ligado



às fragoas do Caucaso, onde o abutre do remorso lhe devora o fígado, expiando assim seu peccado.

Quem poderá desconhecer nesta fabula a historia da queda dos nossos primeiros pais? Pandora, que occasionalmente serem os males espalhados pela superficie da terra, é Eva, a primeira que vota a humanidade ao peccado, e com elle todos os males: mas assim como na caixa de Pandora fica a esperanza, assim tambem Eva, depois da desgraça do peccado, fica com a esperanza consoladora do perdão da infinita misericórdia divina e de um futuro Reparador.

Prometteu, com o fígado devorado pelo voraz abutre e ligado aos asperos craneos do Caucaso, é Adão com o coração de continuo ralado pelos remorsos da desobediencia, commettida em violação ás justas ordenações divinas e para sempre ligado ao aspero pó do globo, rebelde á seus tantalicos esforços, produzindo cardos e espinhos.

Assim pois alem da brilhante côr poetica que tem esta fabula, ha na substancia, no fundo do quadro, um principio veridico.

A crença chinesa, segundo a doutrina encerrada nos *Kings*, (livros) era que—no estado do *primeiro céu* o homem era inteiramente unido pela soberapa razão e só fazia o que era justo: o coração se expandia nas regiões da verdade: não havia nelle confusão de principies falsos e oppositos.

Então as quatro estações do anno seguião uma ordem

regular: nada damnificava ao homem, e mesmo elle era innocente: uma universal harmonia reinava no mundo: mas as columnas do céu forão quebradas, e a terra abalada até seus fundamentos: o homem revoltando-se contra o céu, o systema universal mudou-se: a harmonia do mundo se perturbou: os males e os crimes inundarão a face do planeta. (Ram. Disc. sur la Myth.)

O livro Likyki diz que todos os males baixarão sobre a terra, porque o homem desprezou o Soberano imperio, entregou-se as questões innuteis; visou em extremo os objectos terrenos: as paixões se inflamarão, e os crimes vergarão a fronte da humanidade, *por causa do primeiro homem.*

Segundo a crença dos Chins, o peccado veio ao mundo por uma intelligencia superior, que se rebelára para damnificar ao homem; para o que *tomou a forma de uma serpente.*

Creem que o dragão Tchi Icou foi o auctor da revolta.

Os Japonezes teem a sua serpente rebellada contra o proprio Deus, e enrolando-se em uma arvore, *para atraiçoar.*

Os Mongoes acreditão, e sustentão como doutrina corrente entre elles, que o estado de seus primeiros pais não foi duravel, porque em breve cairão por suas faltas: mas que d'antes gosavão de grande felicidade (Bery. Berg.)

Os Mexicanos representão a mãe do homem em contacto



com uma serpente; e creem no peccado original (Humboldt.)

Ultimamente na Polinesia as ventanias fiserão uma feliz descoberta arrancando um secular carvalho, nas raizes do qual se achava uma preciosidade archeologica.

Era uma pedra em que se via burilado um homem, uma arvore e uma mulher com alguns fructos nas mãos.

Se deste commum sentir das nações passarmos as opiniões dos grandes homens da antiguidade pagã, tanto philosophos como poetas, verdadeiros representantes das crenças tradicionaes, veremos que o accordo não é menos harmonico e maravilhoso.

O velho Hesiodo, grande depositario das vetustas crenças, falla em muitos lugares da desobediencia de Japheth, Pandora, por cuja causa os males assolarão a humanidade.

Antes, diz elle, as tribus humanas vivião sobre a terra exemptas de males, de afanosos trabalhos, crueis enfermidades que trasem a velhice precoce.

«Pandora tendo em suas mãos o mysterioso deposito de Jupiter, infringe os preceitos; e os males se espalhão pela face da terra.»

«A natureza e as faculdades do homem forão mudadas em seu chefe, diz Platão.»

«A alma acha-se encerrada no corpo como em um tumulo, para castigo de alguns peccados, dizem os pythagoricos.»

«Os erros e as calamidades na vida humana, diz Ci-

cero, fizerão dizer aos antigos videntes, ou interpretes ou encarregados de explicar aos iniciados os mysterios divinos, que nós nascemos neste estado de misérias para expiar algum crime commettido em uma vida anterior *e me parece que a este respeito ha alguma verdade.*

Platão diz: outr'ora o que em nós pertencia a natureza divina, tinha por certo tempo, conservado todo seu vigor, e a sua dignidade: mas a inclinação viciosa do homem mortal subio ao mais alto diapazão em prejuizo do genero humano, e d'ahi vierão todos os males que affligem a humanidade. . . .

Timeu de Socrates exclama: nós trazemos o vicio de nossa natureza e de nossos antepassados, o que obsta jamais possamos despir essas más inclinações, que nos fazem cair em as faltas de nossos primitivos paes.

Plinio, o naturalista, em vista do nosso miserando estado, pergunta se o nascer é um peccado.

Um poeta pagão maravilha-se de seu afastamento de tudo que é justo, e suas inclinações ás cousas más e prohibidas, attribuindo então esta desordem a um máo estado da alma e a uma especie de violencia oposta aos direitos da razão, e as regras da felicidade.

Outro argumento, não menos probatorio, é o que se tira dos sacrificios universaes. Onde ha altares, desde o monticulo de pedras feito por Jacob até o gigantesco



menhirs do galez, o incenso vóa em longas faixas de tribo em tribo, annunciando que os homens expiã uma falta commum.

O sangue das victimas corre pelo supedaneo dos altares humedecendo o pó, e o homem curvando os joelhos ergue supplicas ao céo. Mas o que significa isto? o que pretende o Fakir passando annos todo enterrado? que pretende mesmo atravez de tanta falsidade? o que representam as aguas lustraes dos Romanos, o fogo e agua per que passavão entre os Mexicanos as crianças? Por que crião os Mohabitas, e outros que a effusão do sangue das victimas mitigava a *colera celeste* e que sua justiça desceria sobre a victima os golpes atirados aos homens?

Porque Abel e Caím já no principio da creação, fazem sacrificios? porque o Deos do *lingam* tãoobem faz penitencias acompanhadas de sacrificios?

O que pretendem os indianos ligando vital importancia aos grandes sacrificios *arva-medha* (immolação do cavallo) e *ekiam*?

Sim, o que pretendem todos os povos com estas tão immutaveis e antiquissimas uzanças, a que ligão o mais alto apreço?

Por ventura serão apenas avidas aspirações a abrandar ás forças ruinosas da natureza, que a cada momento nos ameaça roubar a fugaz existencia? Ou procura

elle essa mysteriosa escada que conduz a região da luz infinita ?

Não : nestas praticas, muitas vezes erroneas, mas respeitosas, o homem não visa somente por mero de-leite elevar-se as regiões eternas : elle até se achia polluto para voar ante a magestade suprema, e commu-nicar em espirito e verdade com o seu creador.

O que pois quer elle ?

Expiar os crimes originarios. E até mesmo na gros-seira e voluptuosa idolatria se reconhece esta verdade.

Realmente: o que é a idolatria ?

— Uma falsa interpretação. O homem, pela sua queda peccaminosa, tornou-se tão abatido e humilhado, que, vergando a fronte não ousou erguer seos olhos ao céu, ao throno do Eterno: como criminoso não ousou directamente communicar-se com Deos; e eis peloque dirige-se as forças da natureza, e adora-as, como supplican-do-lhes sua intercessão entre elle e seo Creador. E assim todo culto pagão por mais grosseiro, por mais extrava-gante que fosse, sempre foi relativo.

Agora a ultima palavra sobre a questão do dualismo. Pelletan affirma que a crença em dois principios op-postos, Deus e Satanaz, provem dos obstaculos que o ho-mem encontra em seo marchar pela face do planeta. Tanto é assim, diz elle que a principio quando a somma de males excedia a de bens, o principio máo sobrepujava



o bom; mas a proporção que a industria vai nullificando essas forças inimigas, o principio bom vai abatendo o máo e acaba por dominal-o.

Com o devido respeito a palavra autorizada de Pelletan contestamos a sua primeira affirmação, isto é, sobre o dominio total, ou quasi total que a principio exerceo o mal sobre o bem.

Do pequeno estudo que temos dos annaes das antigas nações, encontramos exactamente o contrario do que affirma elle; porque nas tradições persas assim falla o Omnipotente, desde os tempos mais remotos, e de que ha noticia: O meo nome é o principio e o fim e o centro de tudo; o meu nome é aquelle que é, que é tudo e que tudo encerra.

«O Verbo dado por Deos, palavra da vida e da actividade que existia antes da agua, do céu, da terra, dos animaes e dos planetas, antes do fogo, do homem puro, dos *divis*, antes de todos os bens e germens puros.»

Os Nakars orão a uma intelligencia pura e unica que tudo domina.

Entre os indianos ha a mesma linguagem.

No Bagavad-Gita acha-se esta oração sublime e digna mesmo das paginas do Evangelho: Ser eterno e omnipotente, tú és o creador de tudo, o Deos dos Deoses o creador do mundo. A tua natureza é incorruptivel, e distincta de todas as chimeras. Existis antes de tudo.

Es a alma do universo, e a tudo aviventais. Conheces tudo, e de todos és conhecido. Por ti foi que o mundo se ergueu do nada. Inclinem-se pois todos diante de ti; sê por toda parte venerado, tú que estais em todos os lugares. A tua gloria e o teu poder são infinitos. . . . Quem te é igual? Eu te saúdo, eu me prosto á teus pés, e imploro misericordia. »

Brahm, dizem os Vedos, è aquelle que é. O mundo é o seu nome, e imagem.

Só elle existe realmente e é a causa de tudo que existe.

No Egypto fallando-se de um só Deus lia-se no frontão de um templo: Eu sou aquelle que é, foi e será. Nenhum mortal levantou ainda o véo que me occulta. Em outro lia-se: A ti. . . . que estaes em tudo. . . .

O auctor dos livros hermeticos dizia: « Oh! Egypto, virá um dia em que a religião, e o teu puro culto serão convertidos em fabulas ridiculas. »

Um oraculo dá a seguinte resposta que bem mostra o imperio absoluto de um só ente: « Eu vos direi que Deus sou, escutai: A abobada do céu é a minha cabeça, o meu ventre é o mar, as minhas orelhas se estendem na região do ether, os meus pés estão sobre a terra, os meus olhos são a face brilhante do sol, que vê ao longe. »

Na Grecia primeiramente reina Saturno. E não se diga que o dominio destas potencias supremas vem depois da queda do principio máo; não, esses deuses correspondem todos ao Ser supremo e infinito, e antes d'elle nenhum



Deus impera; per que se percorrermos ligeiramente os mesmos paizes apontados, veremos que na Persia, depois de Ormuz é que vem Arimane (genio de mal) aos divis succede Mithra.

Entre os Indianos depois de Brahm é que veem os Brahmines, Hattyras, Vaiscias, Soudras, Lasitre, Lisa, Vishnou . . . .

Entre os Egypticos Typhon entra em scena por ultimo.

E assim poderiamos augmentar muito esta lista se não tivéssemos em mira a brevidade.

Comtudo seja dito de passagem, alem deste testemunho eloquente ha nos annaes dos antigos povos legendas que bem podem symbolisar as lutas e triumphos sobre as forças inimigas.

Como bem as encarnações de Brahmi em Kakabou-sonda, em Valmiki, Viasa, Mouni, que finalmente torna-se Kalidosa.

Assim tambem Siva e outras divindades que seria fastidioso enumerar.

Mas nestas encarnações o importante é ver-se que o principio bom vai sempre levando maior vantagem sobre o máo.

Ora d'aqui se pode concluir a favor das affirmações de Pelletan, isto é, que essas legendas symbolisam as lutas humanas.

Mas assim mesmo esses mythos allegoricos não estão inteiramente expurgados de tal modo que se prestem áquella conclusão.

Essas diversas encarnações podem indicar as diversas épocas da criação, passando do inanimado ao animado do inorganico, até o organico, e tambem podem symbolisar a approximação dos tempos da redempção em que um Deus nos devia visitar.

Esboçado assim estes principios procuremos tirar uma conclusão á tudo que até aqui temos mencionado; mas como desconfiamos de nossa authoridade, por nós fallará o sempre venerado Vico.

Vico primeiramente interroga a historia, mas ella fica muda como os hybridos esphinges do Egypto.

Interroga a natureza humana e então della arranca vozes sublimes, e depois assim falla Vico: *As mesmas ideas nascidas entre povos incognitos entre si, devem necessariamente ter um motivo commum de verdade.*(1)

Esta condição da unidade imposta por Vico as tradições, verifica-se nas que temos appresentado; porque deixando algumas alterações mais ou menos grosseiras, observamos que desde o Parí, (quanto a mancha peccaminosa) desde os fanaticos que se deixão esmagar sob as rodas de pesado Tiruñal, desde Prometheo ligado ao

(1) As tradições vulgares devem ter alguns motivos publicos de verdade, que expliquem o como ellas nascerão, e se conservarão nos povos, diz Vico, em outro lugar. Phil.—da Hist.—p. 94.



Caucaso, os sacrificios de Mogol e dos Galezes até o dos Christãos que pacificamente curvão a fronte ante o altar do Christo transubstanciado na hostia, todos tem um principio e um fim commum: purificar peccados, e não só peccados pessoas, sinão peccado original e commum. E' este o motivo pelo qual o Persa quando faz seus sacrificios, suas orações são por todos.

Feita esta apreciação geral sobre a doutrina de Pelletan, passaremos a destruir alguns argumentos que espalhou, a modo de sentinellas perdidas.

Encontra Pelletan a mais forte barreira na theoria do peccado original, para fundar sua doutrina *eminente-mente philosophica*; porque segundo pensa, toda falta é pessoal, como a liberdade, e por isto, todo castigo tambem o deve ser pessoal—*logo o crime de Adam devia expirar nelle e não contra a razão passar a seus descendentes.*

Eis um *grande* argumento de Pelletan, eis um de seus maiores morteiros, que esmagará a fô e desfará a *legenda do peccado original!*...

Mas não: ainda uma vez ella campeará triumphante e sacudirá o pó do erro; assim como o Lazaro da corrupção, ao mando de Christo ergueu-se Lazaro da vida, sacudindo os sudarios da morte.

Nós concordamos que o castigo deve ser pessoal quando a falta ou peccado o fór tambem.

Mas o peccado de Adam em relação a nós será inteiramente pessoal?

Eis on'ê o illustre perfectibilista fica unuito a quem dos primeiros rudimentos do cathecismo; eis por que, como dissemos, a sua theoria é propria para fazer algum movimento, visto affirmar em tom dogmatico e ouzado, sem produzir provas.

Pelletan não conhece a disciplina theologica; e melhor seria não descorresse sobre este assumpto.

O peccado original, como o consideramos não é actual, nem pessoal; por que não consiste no acto da desobediencia, falta que realmente é pessoal a Adam. O peccado original consiste na morte da alma, como disse o Concilio Tridentino (S. 5<sup>a</sup> c. 3<sup>o</sup>;) consiste na privação das graças do espirito de rectidão, justiça e sanctidade sobrenaturaes, com que erão dotados os nossos primeiros pais, antes do peccado.

Collocada a argumentação neste terreno ainda será possivel haver duvida capaz de prohibir que a sã razão preste o seu assentimento ao grande dogma catholico?

Parece-nos que não: mas para não ficar alguma duvida continuemos a argumentar.

E' principio corrente que ninguém pode dar o que não tem—logo, infallivelmente, Adam germen da humanidade, espirito decaído da graça divina, pelo peccado, não lhe poderia legar um estado santo.

E realmente: se Adam nos legasse santidade, então ahí sim haveria um facto irracionavel:



«Nós somos Adões continuados» (\*), assim como o o carvalho de hoje é a continuação do primeiro creado.

Adam trazia em si todos os homens, assim como uma semente traz a arvore futura.

A nossa natureza é a natureza de Adam, perpetuando-se continuamente, porem sempre a mesma. E se fosse possível alguma mudança, o homem de hoje não seria o do Paraizo. O immortal Bossuet fallando sobre esta materia disse: . . . Miramo-nos todos nessa origem, (Adam) observamos nosso ser e nosso bem estar, nossa felicidade e nossa desgraça. Deos nos vê em Adam, no qual fez a todos: o que quer que faça Adam, nós fazemos nelle; por que nos tem encerrados; e, moralmente, somos uma e mesma pessoa.

Se obedece obedecemos n'elle, se pecca peccamos nelle: Deos tratará o genero humano como a este unico homem. (Bos. Elev. sur les myst. sem. 7.<sup>a</sup>)

Ora em vista desta doutrina e sendo que como dissemos, Adam pelo peccado só tinha uma natureza corrompida, a quereremos regeitar a herança do peccado inherente a natureza de nossos primeiros pais, commet-

(\*) Esta bella expressão é do Sr. Dr. Antonio Marques Rodrigues, em suas preleções oraes sobre historia universal.

teremos a mais desapiedada injustiça, perante os justos princípios da equidade e da razão.

Porque se por sermos filhos de Adam entendemos ser muito justo, herdar tudo que elle tem de bom, como a vida, alma, intelligencia, órgãos maravilhosos, para grandes funcções, porque regeitaremos o que possuia de máo, e que acha-se intimamente ligado á pento de não poderem separar-se?

Então regeitemos a vida.

Mas Deos é sempre providente: e para suavisar estes grandes mysterios que parecem querer esmagar o homem, depositou sob nossos olhos factos que os tornão mais ou menos intelligiveis.

Para qualquer parte que nos voltemos no theatro immenso do universo, descobrimos claras imagens da transmissão do peccado original.

As enfermidades endemicas e epidemicas, as côres, certos caracteres proprios das raças, não darão uma idéa bem approximada do grande dogma christão?

E ainda mais: um homem na sociedade, accumulado de riquezas, títulos, que o ennobrecem, cargos que o honrão, e que depois por qualquer motivo, seus bens são confiscados, despojado dos títulos e cargos, e se vê lutando braço a braço com a indigencia, e seus innocentes fillinhos nivelados com as classes proletarias, curvados sobre a relhade rude arado, para comprar escassamente um duro pão, molhado com suor de mil fadigas,



não será viva imagem da transmissão do peccado original?

E se assim o não é, porque não restituem os bens do pai a esses innocentes, a esses que não carregão com a iniquidade do seu gerador?

Ah! até mesmo nestas scenas tão simples a religião catholica acha provas, a favor de seus dogmas sublimes!!...

Como esse homem opulento e nobre era tambem Adam rico dos extraordinarios dons que do Céo chovião sobre sua fronte ainda não polluida pela desobediencia, e que o arroubavão a uma região sublime, inebriante; como esse homem, elle estava ennobrecido pela graça divina.

Mas pelo crime tomba o tronco originario, todos os filhos caem com elle e são collocados ao nível das creaturas sujeitas ás grandes necessidades impostas pelas leis universaes da natureza e obrigadas a regar o pó com o suor de seu rosto.

Admira-se muito tambem M. Pelletan que Deos havendo creado o homem, o fizera para exercer um odio de quatro mil annos.

Oh! illustre philosopho! então que idéa fazeis de Deus? quatro mil annos para elle serão mais do que um minuto? pois tudo não é presente para Deus?—Logo a sua justiça pode exercer-se de milhares a milhares de seculos, sem que isto affete contra a bondade divina; por-

que Deos já fez tudo, em um só acto de sua omnipotente vontade.

Em outro lugar de sua obra querendo M. Pelletan tirar partido contra a doutrina catholica, diz rindo-se: quereis ver se o homem era perfeito antes de sua queda? Pois tanto o era que perderam-se! Assim tambem vos diria: aquelle navio foi mui bem construido e a prova é que ao primeiro embate das ondas abriu-se.

Ora este argumento em parte alguma poderá ser procedente. A antithese é bonita, é poetica, porem a conclusão é de mão gosto. Que paridade ha entre um homem livre e um navio? um é maquina, o outro ser intelligente e com poder de obrar e por consequencia ser feliz ou desgraçado.

Eis o jaez dos argumentos de Pelletan, que tanto barulho tem feito nas regiões da superfluidade. Passemos avante.



### III

Batidos os intrincheiramentos do illustre perfectibilista desçamos a interrogar a propria natureza humana; suspendamos o manto que cobre o vasto e fecundo campo da psychologia e obriguemos a philosophia apronunciar seu verbo sempre autorizado.

---

Vergando-se o homem no sanctuario da consciencia, o que encontra neste vasto labyrintho? um chaos, um abysmo, um composto de grandezas e misérias, como se fosse ruínas de um magestoso edificio abatido pelo rijo sopro das ventanias.

O que nos mostra a mesma alma observando-se? Sumptuosos perystilios, (Chateaub.) cujas columnas se achão despedaçadas em todos os sentidos, como os grandes palacios dos Abassydas, onde hoje corre o chacal e vagueão os hybridos phantasmões das ruínas.

Foi incontestavelmente a desagradavel vista desses quadros que fez a Phedro dizer: muitas vezes, em minhas longas insomnias, reflectindo sobre a origem das fabulas e vicios da humanidade, vemos o bem e fazemos o mal, conhecemos a virtude e praticamos o vicio!

A vida é juncada de escolhos, para os quaes quase fatalmente nos arrastamos.»

Eis ahi um quadro bem fiel da vida humana. A intelligencia conhece o justo, e o instincto dirigido pelas ruins paixões determinão a vontade em sentido contrario. A razão manda a pratica do bem, e o coração arrasta a intelligencia a pronunciar seu assentimento pela sensualidade; e uma guerra tremenda, como a dos anjos armados com montanhas na epopeia de Milton, se trava mesmo em nossa alma.

Racine grande observador psychologico, já cantou este facto de um modo sublime, em um momento inspirado. Eis como falla elle:

Mon Dieu, quelle guerre cruelle  
Je trouve deux hommes en moi:  
L'un veut que plein d'amour pour toi.  
Mon cœur te soit toujours fidèle:  
L'autre a tes volontés rebelle  
Me révolte contre ta loi.  
Hélas! en guerre avec moi même;  
Ou pourrai je trouver la paix?  
Je veux, et n'accomplis jamais.  
Je veux; mais ô misère extreme!  
Je ne fais pas le bien que j'aime,  
Et je fais le mal que je hais.»

Ora isto que observamos na vida de cada individuo



tomado singularmente, distinguimos também na vida das nações, que é incontestavelmente consequencia da degradação a que se rebaixa o homem pelo peccado. O sempre lembrado Chateaubriand fallando sobre este assumpto assim se exprime:

«...se attinge ao mais elevado gráu de civilisação (o homem) rebaixa ao infimo a moral.»

Isto é uma verdade inconcussa, realmente.

Nas partes do mundo em que os homens achão-se mais adiantados, ali mesmo, nesse doudejar quase vertiginoso do progresso attendei bem, que ali, tudo quanto é horripelmente feio se apresenta sob vossos olhos.

Lêde a historia e vêde como mesmo em Pariz, nesse grande arcopago da civilisação moderna, ha bairros quase povoados por facinoras, ladrões e quanta sorte ha de homens perniciosos a ordem social. Pariz a Athenas em sciencia, Babilonia em grandesas e também Sodoma e Gomorra em torpezas e miserias.

D'ahi marchai mais um pouco, atravessai o *Pas-de-Calais* e saltai na culta Inglaterra, que com horror vreis publicamente escolas de latrocínio!

O homem, quer segregado, quer em sociedade com difficuldade mal pode harmonisar-se. «Se é livre, diz Chateaubriand, é selvagem; se se pule, forja ferros para se prender; se brilha pelas sciencias apaga-se-lhe a imaginação; se poeta apouca-se-lhe o pensamento; lucra o coração, e a cabeça perde; e dos desfalques do coração aproveita a cabeça.

«Com o oppulentar-se em sentimentos, vira a empobrecer-se de idéas. A força endurece-o e desarma-o; a fraqueza dá-lhe graça. Uma virtude é communmente a portadora de um vicio, e sempre o vicio ao retirar-se, lhe leva na resaca uma virtude.» (1)

Ora em vista desta analyse luminosa, e de alta transcendência, estamos dispensado de agglomerar novas provas, e podemos tirar uma conclusão; isto é: que no homem ha um duplo principio, manifesto pela constante luta que ha tanto no individuo, como na sociedade, tanto nos factos psicologicos e internos, como nos externos e praticos.

Este duplo principio é o bem e o mal, que se debatem em nós, e buscão firmar um dominio exclusivo.

Pois bem: partindo deste facto, que está no dominio de todos, o importante para a nossa questão é saber se estes dous principios são inherentes com a natureza humana; porque se o forem é claro que o estado em que se acha nossa natureza não é resultado de uma desobediencia, mas se pelo contrario, o dogma catholico campea illeso.

Por mais que pesquisemos, sò encontramos tres ele-

(1) Cath. Gen. do chr.



mentos originarios, inherentes com a natureza humana, e que influem sobre a determinação da vontade, os quaes como muito bem o disse Kant, são os da vida phisica, communs a todo animal; os da humanidade, e os da personalidade.

Os primeiros consistem no amor de si mesmo, que induz a conservação, procreação, &c.

Pelo segundo o homem tem consciencia de si, conhecimento reflectido, distingue os principios de egualdade pela unidade de origem e de natureza, rebaixa seu orgulho e egoismo, e fulmina o de seus similhantes. A terceira ordem de elementos naturaes, ou a personalidade, consiste no amor da ordem, da justiça, &c.

Por este principio o homem ouve um echo que saldo intimo de sua alma, patenteando a existencia de um sentimento, innato ou natural, que lhe manda fazer o bem, e que este sentimento se coaduna com a existencia, com a vida, e por este principio a vontade determina-se pela pratica da lei, do justo.

Ora em toda esta pequena analyse, só encontramos moveis naturaes que induzem ao bem: uns conservão, outros proclamão a egualdade, a ordem, e outros designão o principio do justo plantado na alma, e arrastão a vontade para uma harmonia absoluta, para um equilibrio harmonioso que embriaga o espirito, e o homem todo se torna uma harmonia estupenda, como o hymno magestoso que o universo continuamente ergue ao *Creator*.

E o mal que papel representa? «O mal, no profundo dizer de Kant, é palavra que designa não mesmo uma inclinação opposta a razão, mas o acto de uma vontade livremente contradizendo sua razão.

Não ha em a natureza humana elemento algum que lhe seja primitivamente destinado.

«A possibilidade do mal real no homem não pode ser encarada senão como cousa posteriormente attrahida por escolha propria de livre arbitrio. . . . O mal no homem foi o fructo de uma depravação da liberdade. . . O homem é máo porque na adopção dos moveis de sua maxima (1) inverteo a ordem original, collocando o movel do amor de si, de suas inclinações que nascem em lugar da lei moral, em quanto esta ultima devia antes, como suprema consequencia do gozo e do verdadeiro amor de si, ser tomada por mobil unico na maxima geral do livre arbitrio.

«Esta subordinação do mal ao principio do amor proprio, é o peccado primitivo de Adam, do qual demanão como consequencia, todas as demais acções más de todos os homens.» (Kant th. ap. do ch. pur.)

(1) Kant entende por aqui maxima o principio fundamental que toma o homem para seguir a pratica dos actos. Assim, ha duas maximas: o bem e o mal: con. forme tomando uma destas maximas, seremos bons ou máos.



Ora se realmente, como demonstramos, o mal não constitue um principio inherente e originario com a natureza humana, como acontece com o bem, e com os elementos que induzem a sua pratica, é claro que o mal não nos foi dado originariamente, nem é para nós parte integrante, e sim uma cousa, como muito bem diz a Biblia, attrahida pelo peccado.

O bem e seus elementos formão parte integrante essencial do homem; porem o mal é um abuso desses elementos naturaes; o mal não permanece de um modo innato, é cousa que passa, como, diz Kant—logo o peccado original é absolutamente indispensavel para explicar-se o mal. De maneira que se pode dizer: se não ha peccado, não ha mal. Porem isto seria um absurdo, cabalmente desmentido pelo facto manente na consciencia de todos.

E nem estas verdades poderiam ser de outro modo, senão o melhoramento na humanidade seria impossivel.

É chegada a occasião de ferirmos a Pelletan com suas proprias armas.

---

O mal não é congenito com o homem; é um estado adquirido no tempo, e em razão da desobediencia: se elle fosse congenito fôra dado por Deos. Mas isto é absurdo; porque sendo Deos um ente infinitamente bom, não pode ser o author do mal.

Dizemos que seria impossivel o melhoramento na humanidade, se o mal nos fosse natural, e por consequencia dado por Deos, e assim o entendemos; porque se o mal fosse natural por mais que fizesse o homem nunca poderia sacudir o seu jugo nefando, pois ficaria um ser incompleto, assim como, servindo-nos do argumento de Pelletan, a tartaruga não deixa sua casca, por lhe ter sido dada por Deos.

Mas felizmente a humanidade pensa e obra em sentido contrario: sempre como quem tem a mais completa consciencia da legitima possibilidade de melhoramento, ella trabalha, e trabalha com cem braços como o Briareo da fabula; trabalha incessantemente, para remir essa triste condição que a reduz a humilhante posição de escrava; para purificar suas grinaldas que cheias do odor de santa innocencia tombarão n'um abysmo immundo.

O Christo, o Filho de Deos humado é o maior obreiro neste sentido; e a humanidade só trabalha, depois da vinda do Verbo Divino, para por em pratica as maximas evangelicas termo da perfeição.

Concluamos pois que o mal é infallivelmente o resultado do peccado original. E sustentar-se em sentido contrario, seria dizer que Deus é injusto; porque o mal colloca o homem nas mais precarias e humilhantes condições.

Se bem que os triumphos sejam mais brilhantes por



meio delle, com tudo as quedas são mais frequentes e terríveis, e os louros ganhos nessas lutas titânicas, são orvalhados de notas de sangue.

Mas Deos não tem a humanidade do Cyclope, que prometteo a Ulysses comê-lo por ultimo—logo Deos não deo vida ao homem sob condições tão rijas e horrivelmente onerosas.

#### IV

O estado de natureza pura em que nasceo o homem, desperta em Pelletan a mais eloquente mofa.

A ter sido creado o homem assim como pretende a Biblia, a natureza perderia suas forças, por causa deste unico ente: *quando pisava (o homem) a terra lhe abria por si mesma largo caminho: pisava e o aspide venenoso lhe lambia as plantas; tinha fome e o ramo da arvore deixava cahir seu fructo sobre a relva; tinha sede e a naiade inclinava para elle a urna de christal; repousava e a flôr perfumava o seu somno; punha a mão sobre o coração e todo um mundo de belleza fluctuava em sua imaginação; fallava e um hymno lhe errava nos labios: e a gravitação suspendia-lhe o rigor de sua lei de ponderação; dormia e uma brisa ignota o envolvendo em uma malle atmosfêra, como n'uma tenda invisivel, desviava cuidadosamente desta cabeça preciosa, cheia*



*de uma alegria divina, o raio e a chuva, a nevoa e o furacão.*

Com esta hypothese arrojada e poetica pretende Pelletan expor ao ridiculo a doutrina santa, que chama o peccado original para explicar a triste condição em que nasce o homem; porque se a principio elle era como o pretende Pelletan, tem razão a doutrina que batemos: Deos não faria uma creatura por quem suspendesse todas as leis naturaes: um ente assim formado não seria para este mundo.

Porem felizmente a doutrina catholica explica os factos por outros meios.

É sabido hoje pelos progressos das sciencias, segundo attestão Cuvier e Humboldt, entre outros, que o globo antes do diluvio era muito superior ao que é actualmente: mas nós não sabemos até que ponto chegava essa uberdade: entretanto é certo que o homem perdeu um estado melhor do que o presente: e quem assim o diz é a voz eloquente dos seculos preteritos.

«A principio diz Hesiodo, as tribus viviam exemptas de males, peniveis trabalhos, e grandes enfermidades.»

Todos os povos ouvem e repetem esse grito de dor pela perda de grandes beneficios, echo este que repercute de seculo a seculo, como gemebundas notas de lyra maviosa que se espedaçou nos abysmos,.....

Isto não pode deixar de ser o resultado do grande facto assignalado no Genesis.

Deixemos aqui esta questão, que nos parece estar discutida, e digamos algumas palavras sobre o estado em que fôra o homem creado.

---

Não cremos, e nem o ensina a Egreja Catholica, que a felicidade do homem fosse tão exagerada como sarcasticamente a descreve Pelletan: assim o homem permaneceria em um estado inglorio: não teria forças contrarias para se empenhar nas bellas lutas; e os triumphos desapparecerião.

Não: sustentamos fora o homem muito feliz; porem cremos que sempre esteve sujeito as leis da contingencia, as quaes entretanto erão muito mais benignas, segundo mesmo o testemunho das sciencias naturaes.

A felicidade humana, como já o dissemos, consistia no estado de santidade e justiça, que lhe permittia arrebatarse continuamente ao infinito, e consistia tambem na prompta e acertada escolha dos meios convenientes com os fins.

O homem sempre teve necessidades; esta é a condição do limite; mas a luz radiante que lhe fuzilava na mente era sublime. . .

Porem o peccado com impia mão apagou n'um momento tanta luz, como outrora de Baltazar no festim babilonico, dessipara seu faustoso poderio.



E revolvendo a historia, nós encontramos provas robustas desta verdade.

A theoria do progresso tal como o pretende Pelletan, é uma theoria bem triste! Principia e depende sua existencia da morte de creanças tão antigas como o homem, e respeitaveis como a humanidade! Não; mais uma vez a humanidade saeudirá gravemente a fronte annosa e se erguerá radiante do cataclysmo do erro.

O monstruoso esphyngue da heresia, com aspirações a gigante, mas fabricado com pés de barro, baqueará sob o pezo das lufadas rijas do espirito de verdade.

Nós admittimos e explicamos o progresso, sem derribar os venerandos dogmas, que o Christo não duvidou derramar o seu sangue no horroroso martyrio da Cruz, para dar testemunho delles; dogmas que hoje fazem, se assim nos podemos exprimir, parte da natureza humana.

O mundo marcha, sustentaremos com convicção: nada obstante a contradicção de grandes genios scientificos; a quem entretanto desculpamos.

E a razão não é transcendental.

Esses grandes vultos querendo arvorarem-se em pregadores da verdade, o meio mais facil que encontrão foi afeiar o presente embellezando o passado: e este vicio tem feito partido, principalmente na cadeia sa-

grada, onde os oradores, para guiar a humanidade pela pratica das virtudes dizem sempre que a geração actual vai mal em relação ao passado.

De maneira que a ser isto real, a humanidade já rolaria no ultimo degrão da miseria: mas os factos, e a divindade de Christo desmentem este modo de moralisar; porque depois que o Divino Salvador regou a terra de seu sacrosancto sangue, a humanidade ha de sempre progredir, até abraçar um só principio, a verdade, realisando assim a grande palavra evangelica: *multiplicar cento por um: formar-se um só rebanho e um só pastor.*

O mundo marcha: sustentaremos sempre; mas como marcha e como marchou o mundo?

Eis onde divergimos de Pelletan: elle sustenta que o mundo marcha, porque nunca o homem esteve em estado de privilegio: nós porem affirmamos com a Biblia, que o homem mesmo no estado de natureza pura, ou de graças divinas, estava sujeito ao trabalho, *mas que este augmentára a titulo de castigo, quando o homem peccou.*

Vem apello desenvolvermos aqui uma ideia acima annunciada: que o homem em seu primitivo estado tinha uma sabedoria sufficiente a sua missão, e que as luzes dessa feliz idade, por largo tempo reverberarão na humanidade.



Pelo lado religioso encontramos no começo das primeiras sociedades a unidade religiosa: a crença em um só Deus, a maior perfectibilidade a que pode chegar o homem, neste terreno: mas donde ellas tirão esta noção pura, apenas erguem-se do berço da criação ?

Nós podíamos sustentar que a ideia de substancia absoluta nunca chegaria ao espirito, sinão por meio da revelação (1); (porque nós só temos ideias por nossos proprios esforços, do que cai debaixo do empirismo), e d'ahi partir para mostrar que o homem de Pelletan, creado em estado de pura natureza, por modo algum poderia ter noções claras do infinito, exactamente o contrario do que observamos nos primeiros povos.

Porem nós concedemos que a ideia de substancia pura, de infinito é a condição logica da ideia de corpo, que dada a ideia de corpo, na ordem chronologica, por força logica a razão intuitiva seja obrigada a affirmar a existencia do infinito da substancia absoluta: mas o que Pelletan não nos pode negar é que além desses vãos sublimes serem um pouco duvidosos, (2) são has-

(1) Assim o entende o Sr. C. Cantu entre os mais modernos philosophos.

(2) Este tem sido o sentimento dos principaes vultos do mundo, isto é, que estas

tante demorados, porque propriamente fallando o homem não nasce philosopho: tem o germen da philosophia, mas não o desenvolve logo. A principio se limita a procurar seu bem estar, para depois se entregar a reflexão, e quando a isto se entrega, pausa por algum tempo no empirico, para depois como uma consequencia logica, remontar ao espiritualismo.

Nessas difficeis viagens do finito ao infinito, muitas vezes o homem entra abysmando-se em grosseiro pantheismo: mas tal não aconteceu na origem das sociedades: ali, sem o maior esforço, o homem diz: creio n'um só Deos verdadeiro e meo creador.

Porem não é só por este lado que rutilão nossos bellos louros, que perdemos depois do peccado: as sciencias, as artes, industria, tambem se mostram, já no balbuciar das primeiras instituições. para prova lançaí os olhos sobre as primeiras corporações. O que distinguimos? um quadro magestoso: apenas nascem

nações brilhantes e sublimes do absoluto forão visões do homem em outra vida ou estudo.

Platão reconhecendo impossibilidade de explicar sua existencia no espirito, por meios naturaes, chama-as reminiscencias do passado. «Eu não teria ideia de uma substancia infinita, se ella não fosse posta em mim por uma substancia infinita. (Desc. 2.<sup>a</sup> Medit.)» Estas verdades, sendo anteriores a existencia dos seres contingentes, é preciso que sejam fundadas na existencia de uma substancia necessaria; é lá que encontro o original das ideias e das verdades?!



appresentão um desenvolvimento tal que faz pasmar aos espiritos mais bem prevenidos!

Da Bacthriania, da Caldeia, se derramão crebas ondas de uma luz civilisadora sobre a Babilonia; esta por sua vez appresenta tambem um desenvolvimento estimpando vastos tuneis atravez do profundo leito de Euphrates, pontes engenhosas que se estendião durante o dia, e se retractavão a noite, para evitar qualquer invasão inimiga; jardins suspensos nos ares «esmaltando as casas de flôres e perfumando o ar,» philosophos sondando os arcanos do mundo, poetas soltando bellos hymnos; astrologos observando o movimento dos astros. . .

Que maravilhas!

Ná Phenicia, manufacturas soberbas, onde se tecia os afamados panos do Tyro e Sydon. . . . Quanto prodigio de industria!

O Egypto com suas piramides collossaes, que ainda hoje formão a admiração do mundo civilisado; seus menhirs, ou gigantes de pedra; esses primores de architectura da ilha de Phille, que palacios vastos nas entranhas das rochas! . . . Tudo embelleza!

E esses innumeraveis monumentos de Thebas, cujas ruinas fizerão os soldados francezes, esses leões das cem batalhas de Napoleão, que não tremião ante o rubro fumo das bombardas, curvarem-se silenciosos, como se a mysteriosa alma das ruinas lhe bradasse: curvai

vossas frentes, que aqui se acha uma grande parte da historia primitiva do homem; curvai vossas frentes que estas arealhas por on le passarão os seiscentos mil combatentes de Sesostres encerrão segredos supremos... Todo esse magestoso movimento do Egypto, tanto nas artes como nas sciencias..... que espectaculo sublime! (1).

E essas innumeraveis descobertas de Gallileo Copernico, Newton e Bacon não forão completamente ignoradas dos antigos. (2)

As ideias sublimes de Leibnitz, Descartes, Bossuet, Malebranche, Fenelon e S. Agostinho, as encontramos na Persia, Egypto, India, Judeia; em Pythagoras, Socrates, Confucio e Platão. (3).

Os homens, diz C. Cantu, possuirão desde principio conhecimentos que se poderião chamar de simples curiosidade, aos quaes não erão impellido pela necessidade, e que reclamavão observações seculares, uma certa perfeição nos instrumentos, e a exactidão nos calculos. O movimento diurno apparente dos astros, a

(1) Pythagoras, Platão, Anaxagoras, todos esses grandes genios da antiguidade beberão nestas fontes sublimes.

(2) V. Mut-Lit. do padre Macedo.

(3) Não tambem desenvolvidas como nos primeiros; porque o christianismo é uma luz mui brilhante que tudo alara.



sombra circular projectada sobre a lua, os eclipses, a superficie convexa do mar, concedamos que lhes dessem a ideia da redondeza da terra. Porem como advinhavão elles as dimensões do nosso planeta? E comtudo ellas forão a base do systema metrico no Egypto e na Asia. O periodo de 19 annos ainda conservado entre nós, com o nome de aureo numero, era adoptado pelos Egyptios; o dos 60 annos era commun aos Asiaticos, e o dos 600 era empregado pelos Caldeos.

A esphera, o gnomon, a divisão do tempo em semanas, os eclipses solar e lunar, e a excentricidade dos cometas forão conhecidos dos Egyptios, que ainda que privados do telescopio, sabião que a via-lactea não é mais do que um grande grupo de estrellas. Cada um dos quatro lados de suas piramides está perfeitamente orientado para um dos quatro pontos do céo. Schenrschid mangurou a construcção de Persepoles no mesmo dia em que o signo de aries começava um periodo astronómico. . . É um objecto digno de admiração, continua o citado auctor, ver-se o genero humano logo em seo nascimento abundar em conhecimentos. Elle sabe cultivar a terra com o auxilio dos instrumentos; domestica os animaes, fabrica o pão, azeite; tece, cose, borda, prepara o vidro, pesca o coral; extrahе os metaes, e lava os diamantes; a estatuaría, a agricultura. . . Não só evita os perigos, mas traduz em sons articulados as suas proprias ideias, transmite-as pela palavra, e fixa-as pela escriptura, decompondo toda sciencia humana

em vinte e cinco letras, dez algarismos, e sete notas musicaes!

Ora em face deste testemunho eloquente da historia, desse echo magestoso e estridente que rebôa do reconcavo dos seculos; que ergue-se das magestosas ruinas da antiguidade soprando pardas cinzas de tantas nações; em vista de tantos prodigios da intelligencia ainda no verdor da infancia, como poderemos deixar de soltar um brado de admiração, e convencer-nos que tão facinadoras luzes são rastros das luzes primitivas, que brilharão na intelligencia do homem, antes do peccado?

Quanto mais que, segundo vemos em nossos seculos, a intelligencia e a industria, as sciencias e as artes não se desenvolvem em um povo sinão a custo de titaneas lutas e pelo largo decorrer de muitos seculos. Mas se assim é, dissei-nos, quem ensinou tantos prodigios que appresentão as primeiras *communas*, apenas nascem, sem passar primeiramente, pela inflexivel lei dos labores?

Evidentemente o homem a recebo em seu berço de innocencia.

Mas depois vem o crime, e essas brilhantes centelhas passam fuzilando no espaço, e as trevas cobrem seu rastro. . . e isto é mais uma prova do peccado original; por que a não ser elle, que continuamente tende offuscar a intelligencia humana, pelo dominio do erro, explicai-



nos como essa sciencia que a principio se mostra com tanto vigor, desaparece na noite do erro?.. explicai-nos, como tão depressa a humanidade troca suas candidas e brillhantes corôas de sabedoria pelos pollutos louros da abjeção de Sodoma e Gomorra?..

A par do espectáculo imponente e inebriante de Babilriania, surge como de um de morte, o espaço ennegrecido pelo fumo de mil templos de falças divindades. Tudo desaparece como o fumo ao dardejar das ventanias: unidade religiosa, artes, industria, sciencia... tudo.

Em Tyro e Sydom, cidades tão florescentes, dá-se o triste espectáculo de se derramar o sangue de victimas humanas mesmo sobre o stupedaneo dos altares!

No Egypto, mesmo nas margens do historico Nilo, onde cresce o papiro, grande movel da civilisação, no Egypto, onde recitavão os sagrados hymnos em honra a um só Deos verdadeiro, chega a miseria a adorar-se as proprias cebolas que vegetavão nos páues, o cão, o gato e o crocodillo!

E com esta depravação religiosa baqueão as sciencias e industrias. Já não se erguem mais formosas piramides, nem nos archivos dos sacerdotes descansão volumes de profunda sciencia! A columna de fogo que atravez das serranias guiava a humanidade, desaparece alem dos rochedos, morre nas trevas: a humanidade abysma-se impellida por pestilento sopro das ruins paixões, abrasado pelo peccado.

E venha depois Pelletan encher as bacheixas e sustentar a existência do progresso contínuo na humanidade! Sempre que assim nos fallão, distinguimos: se dizem progresso contínuo depois do christianismo; concordamos; se antes negamos.

E realmente: o que vemos no mundo pagão? luz a principio, depois decadencia, trevas e por ultimo grandes esforços para evocar o passado brilhante.

Babylonia, Persepoles, Thebas todas teem sua época de brillantismo; mas depois o erro as precipita do pinaculo da gloria.

São muito brillantes esses tempos de Confucio, Pythagoras, Soerates, e Phidias, mas em breve as scenas hediondas das baccanaes, manchão tudo; em breve Gorgias sobre o vasto tablado nos jogos publicos nega todos os dogmas, todas as verdades, e planta o scepticismo <sup>(1)</sup>. Debalde Diogenes andava diante de Zenão, para lhe provar o movimento; porque tudo se nega, tudo é mentira, excepção da mesma mentira! E o polytheismo estende seos dominios, <sup>(2)</sup> e de novo as tre-

(1) É a época de sophisma.

(2) Os grandes erros do espirito diz Lamenais serão até pou-o tempo desconhecidos no mundo antes da philosophia grega. E ella que os faz nas er ou pelo menos os manifesta, enfraquecendo o respeito as tradições e substituindo o exame individual ao principio da fé.

Ella ampliou as vestes do crime, e oppoz a razão individual a de todos, a razão mesmo de Deus. Rompeu os ultimos nós que cunctião o orgulho e o submettia a verdade.

Desde então esta força interior, e toda espirital, que é a sede do homem, o mais ainda a das negões extingulo-se de improvisa. Em outro lugar diz Lamenais: Davidemos que se nos possa citar nos seculos anteriores, um só atheo verdadeiro. Quando lames esta palavra: o insensato diz em seu coração: não ha Deus; não se trata aqui de atheismo dogmatico ou real, mas do efforço culpavel que repelle a lembrança do Deus que tem a justiça; e é isto o que exprime claramente as palavras seguintes: Elles se corromperão, tornarão-se abominaveis em seus desejos, e não ha um que faça o bem. (Lam.. Ess. suor l'indif. art. cult. idol.)



vas cobrem a face do abysmo... dessas épocas de trevas é que principião a erguer-se de quando em vez alguns homens, como vultos homericos, a fim de invocarem o brilhante passado perdido, e guiar a humanidade sob o grande principio da unidade.

Alexandre, Crasso, Varo, Cezar formão uma parte desses grandes homens, que tentarão este grande desideratum do espirito humano: mas Alexandre chora ante as ondas por não poder passar alem. Crasso paga sua temeridade junto ao Euphrates, e Varo deixa a ossada de suas legiões alem do Rheno.

Platão representa tambem um grande papel na historia dos vultos humanos. Depois que a força não pode conseguir encaminhar a humanidade ao seu fim, por meios convenientes, a intelligencia assumio a ardua missão. Confucio, Socrates e seus discipulos são os grandes athletas desta empreza sublime, e Platão é a ultima expressão dos esforços humanos.

Mas Platão depois de um lutar desesperado conhece a impossibilidade de guiar a humanidade, e arrancal-a do abysmo de fogo em que se revolvia como o Satanaz de Milten.

É realmente um espectaculo sublime o lutar de Platão, até qual o pastor desvelado, que ia a toda pressa levar um linitivo a suas ovelhas que perecião pela peste, depois de muito caminhar, assenta-se exausto sobre o dorço de altaneira montanha, vendo o azul da immensi-

dade que se estende além e a quem, e elle na impossibilidade de marchar, ou voltar, lembra-se de contos mysteriosos e clama por auxilio sobrenatural. Assim é Platão quando no meio de seus desenganos, assentado sobre as vastas ruínas da humanidade, tentando de balde fazer as carnes reunirem-se aos ossos diz: *Só um Deos nos vindo ensinar é que pode guiar a humanidade.*

Profetisava a vinda do Christo, que foi o unico que mostrou-nos o verdadeiro progresso.

Eis, porque Vico sempre nos pareceo um grande pensador: elle diz que a humanidade rola em um circulo vicioso: ora se a considerar-mos, realmente antes da vinda de Christo, nada mais mathematicamente exato. E ninguém nos venha dizer, em refutação a Vico que das luzes perdidas no Egypto aproveita a Grecia, e da queda desta aproveita Roma; porque então mostrai-nos as luzes que encontrou o christianismo em seu nascimento, que sustentaremos ser elle um progresso continuado. (1)

(1) Pelletan presume provar doutrina contraria, dizendo, que a escravatura já é um progresso sobre o prejuizo da divisão de casta. Mas é isto uma affirmacão sobre bases chimericas.

Pode ser que a escravidão tal qual a temos hoje muito melhorada pelo christianismo seja melhor que o estado de casta.

Porem se retrocedermos, a antiga escravidão do tempo de Spartachus, o quadro é medonho. As castas ao menos fazião sua communhão a parte, e quando muito os inferiores soffrão o desprezo, havia a falta de contacto dos superiores. Mas os escravos erão quando muito, como disse o Varão machinas d'agricultura mesquinho instrumento da vontade caprichosa de um senhor brutal. E isto não chamamos progresso.



Talvez nos queirão apontar para o seculo de Augusto, onde a paz que reinava desde as illas mauritanas até os confins dos mares do norte simbolisa a realisação da grande ideia do christianismo: a fraternidade, a humanidade.

Mas nós regeitamos esta ideia; porque a paz do seculo de Augusto é uma paz forçada; é pela razão da fraqueza. O seculo de Augusto é uma verdadeira imagem de um moribundo nos arcanos da morte. É um phenomeno geralmente observado que o enfermo depois de muito padecer, nos momentos de deixar a vida tem a *visita da saude*. Assim foi o seculo de Augusto: quando a humanidade estava a abysmar-se completamente, recebe esse limitivo, e eis então que apparece o christianismo. Tanto não havia ideias capases de promover salvação, que pela invasão dos barbaros o christianismo é o unico sustentaculo do mundo. E se não fosse elle o que seria da humanidade depois daquelle terrivel cataclysmo? Provavelmente as trevas que hoje cobrem esse infeliz Egypto, e desventurada Judéa, nos envolverião tambem. . . Agora sim, depois da vinda de Christo a humanidade não tem parado; porque a palavra divina *fructifica cento por um*. A luz é sempre brilhante, sobre a inabalavel rocha, contra a qual em vão sopravão as potestades infernaes. A columna de fogo não se extinguirá: todos verão a cara santa do Senhor sobre a montanha.

Os ardores do deserto que outrora esbarrarão e aniquilarão a Cambyzes e Cyro, os mares que detiverão Alexandre; as distancias, os climas, as enfermidades que destruirão a Crosso e Napoleão, todas essas difficuldades que obstavão as vans pretensões humanas, desaparecem ante a força do christianismo. Todos se communicão fraternalmente; auxilião-se mutuamente e formão uma só familia. E eis realisada a prophecia de Isaías quando dizia, referindo-se a estes triumphos futuros: montanhas e collinas, vós sereis arrasadas; caminhos tortuosos, vós sereis alinhados; veredas escarpadas, vós sereis de tão facil accesso como a planicie. Em outro lugar: Passae pelas portas, preparaе o caminho ao povo, aplanae a estrada, escolhei as pedras, arvorae um estandarte ao povo.

E porque razão oh! Propheta? pergunta Lacordaire, porque razão deverão abrir-se as portas, calir por terra as barreiras, perder a natureza todas as precauções do seu zelo? Ah! responde o Propheta.

A razão é porque ahi vem o Rei cheio de brandura e de justiça; elle ahi vem pobre montado no filho da jumenta (1). Eis aqui o que tudo abre, o que tudo muda. Abri vossas portas deixai passar a nação justa,

(1) S. Math. 21 Zac.—2—.



a nação que observa a verdade (1). « *A sciencia não tinha passado; a força não tinha passado; Ninive, Babilônia, Alexandre, os Romanos, não tinham passado; mas o Filho do Homem montado no filho da jumenta ha de passar, passou, e passou para nunca mais voltar.* »

Pelletan para firmar melhor as bases de seu systema revolucionario principia, arbitrariamente, por traçar um caminho a humanidade. Assim do estado selvagem passa a vida pastoril, á agricultura, a industria, e ao commercio.

Aqui Pelletan é um pobre discipulo de Volney; copiou-o vergonhosamente e apresenta-se muito cheio de si a affirmar sem provar.

Porem, um homem de maior autoridade do que elle sustenta o contrario, com argumentos mais solidos.

« Essa pssagem supposta da vida pastoril a agricultura, e dali a industria, e ao commercio, diz o immortal e sabio Cantu, não concorda com a historia que nos apresenta o homem pastor e agricultor, quando apenas se vê constrangido a viver do suor de seu rosto. O fratricídio levou os Cainitas para longe das barracas patriarchaes, multiplicarão-se, construirão cidades, onde a in-

(1) Isa. c. 40—4.

dustria augmentou a tal ponto, que a sexta geração, depois do matador, cultivara as artes metalurgicas, e conhecia os instrumentos de musica. O genero humano, reduzido depois do diluvio a uma só familia, as artes primitivas conservarão-se nella. Noé foi cultivador e operario. Mas como os seus descendentes se dispersassem pela superficie da terra, a sua industria variou segundo os lugares, sujeitando-se a lei da necessidade, e desprezando o que era util. Eis a razão porque vemos o negro arremessar-se as arvores mais elevadas, e trepar pelos mais escarpados rochedos.

• O Groelandez harpoar o peixe com golpe inevitavel: o Samoyeda luctar com o urso branco: o habitante das canarias perseguir á camurça de quebrada em quebrada; a Thibétana conduzir o estrangeiro até os mais altos cumes; todos finalmente se adaptão ao que produz o solo, onde se estabeleceram. Os que não conhecem outra belleza alem das dos animaes, pintão o corpo com varias côres, e usão de cauda e chavellhos; o Americano adorna-se com as pennas das suas aves, ás quaes a natureza prodigalizou tão brilhantes côres, em compensação do canto que lhe recusou; e o habitante das ilhas Mariannas aprende a tecer a casca das arvores.

« Alem disto, que differença entre o commercio dos Ingleses, e o do Chím; entre o Lapão pastor de rennas, o Arabe de camellos, o Peruviano de lamas, e Mogol o de eguas ! Assim as diversas industrias nasceram, e



erceseram em razão dos logares; porem a agricultura foi a que introduzio maiores mudanças na constituição moral. O homem querendo, quando cultivou um campo, seguir com a vista as esperanças, que lhe dava, construiu junto delle uma habitação; então, aquelle sentimento tão imperiezo, que chamamos amor da patria, apparece, e a estabilidade do lar domestico dá coragem á associação civil. Quando Adão, vendo a companheira, que Deos lhe dêra exclamou: «Eis agora o osso dos meus ossos, a carne de minha carne: esta terá um nome, que recordará o homem, porque foi tirado do homem, eis a razão pela qual o homem largará seu pae e sua mãe, e se ligará a sua mulher, e serão dous n'uma só carne.» collocou-se então a primeira pedra do edificio social, que se manteve atravez de todos os seculos, e de todas as revoluções; a sociedade domestica tornou-se a base das outras, de modo que estas prosperaram, ou decahiram, segundo aquelle se firmava ou dissolvia.»

Eis como desaba completamente a falsa doutrina de E. Pelletan: ella não resiste ao exâne da razão e da fé christam.

E nós concluimos aqui estas linhas, que contra o nosso desejo já se vão alongando.





